



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

FRANCISCA ÉRICA FAUSTINO DA COSTA

**LEITURA E ESCRITA:
UMA PRÁTICA ESSENCIAL**

CAJAZEIRAS - PB

2008

FRANCISCA ÉRICA FAUSTINO DA COSTA

**LEITURA E ESCRITA:
UMA PRÁTICA ESSENCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadoras Professora Ma. Maria Janete de Lima.

Professora Ma. Maria Antônia Lis de Maria Martins Torres.

CAJAZEIRAS - PB

2008



C8371 Costa, Francisca Érica Faustino da.
Leitura e escrita: uma prática essencial / Francisca
Érica Faustino da Costa.- Cajazeiras, 2008.
75f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura e escrita - ensino. 2. Metodologia de ensino.
3. Leitura e escrita - histórico. I. Lima, Maria Janete de.
II. Torres, Antônia Lis de Maria Martins. III. Universidade
Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de
Professores. V. Título

CDU 37.016:003-28.31

FRANCISCA ERICA FAUSTINO DA COSTA

LEITURA E ESCRITA: UMA PRÁTICA ESSENCIAL

Aprovada em: 30 / 05 / 2008

Maria Janete de Lima

Ms. Maria Janete Lima

Orientadora

Francisca Erica Faustino da Costa

CAJAZEIRAS – PB

2008

DEDICATÓRIA

A **Deus**, quando algumas vezes, sentindo-me desacreditada e perdida nos meus objetivos, ideais ou minha pessoa, me fez vivenciar o encanto de ser educadora.

Dedico este trabalho em especial a professora **Lis de Maria**, pessoa esta fundamental na minha vida, com quem aprendi conceitos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Abriu-me caminhos nunca antes pensados, além de me apresentar, na prática, a outras possibilidades de ensino; suas aulas foram lições em muitos sentidos e eu não poderia deixar de expressar minha gratidão, pois este trabalho não seria possível sem a sua significativa contribuição.

A minha formação como profissional não poderia ter sido concretizada sem a ajuda de meus amáveis e eternos pais **Maria de Fátima e Espedito**, que, no decorrer da minha vida, proporcionaram-me, além de extenso carinho e amor, os conhecimentos da integridade, da perseverança e de procurar sempre em Deus à força maior para o meu desenvolvimento como ser humanos. Por essa razão, gostaria de dedicar e reconhecer a vocês, minha imensa gratidão e sempre amor.

Ao meu namorado **Girnally Sarmiento**, pessoa esta que expressa o meu sentimento neste momento ímpar de minha vida, pois é o nome de um dos grandes incentivadores do meu sucesso, sempre foi muito compreensivo, companheiro e constantemente me dando forças que eu nem mesma as encontrava.

Reitero aqui minhas palavras, sendo este um trabalho individual e muitas vezes solitário, de que não se pode empreendê-lo sem a ajuda dos que nos cercam e querem o bem.

Meu muito obrigado.

Francisca Erica Faustino da Costa

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela vida, saúde, pelas pessoas que me rodeiam e pela inspiração espiritual que me tem permitido cumprir minha jornada.

À **minha família**, pela formação ética e moral que me proporcionou, sem as quais não teria tido indignação e reflexões suficientes á idealização e desenvolvimento do presente trabalho.

A minha orientadora, Profª **Ms. Maria Janete**, pelas orientações firme e segura, pela postura ética, competência e disposição sempre que necessário.

Aos **profissionais** que, diretamente ou indiretamente, colaboraram na elaboração do presente trabalho, cujas reflexões e intervenções muito contribuíram para seu aperfeiçoamento.

Ao secretario de saúde **Antônio Rocha Pordeus**, pela atenção e presteza com que sempre atendeu ás minhas solicitações e por ter compreendido as minhas ausências durante o curso.

Aos meus **amigos** de todos os tempos, especialmente aos do período de bloqueio pelos trabalhos, provas e momentos vivenciados que foram muitos.

À minha avó **Raimunda Maria da Costa**, que já não esta entre nós mas sei que onde estiver estará muito satisfeita e orgulhosa, olhando por mim e guiando os meus passos.

A **E.M.E.F. "Maria Marques de Sousa"** pela acolhida para o meu estudo de campo.

Aos meus **amigos internautas**, adquiridos nas noites e madrugadas insones e, que sempre me envia conhecimentos, hoje, conhecidos pessoalmente, deixando de ser os estranhos do outro lado do computador.

Meus agradecimentos especiais a **Universidade Federal de Campina Grande** e seus professores, os quais foram responsáveis pela minha formação profissional.

A **você**, que de alguma forma participou deste trabalho, mas que, por uma imperdoável falha de minha parte, não se viu nesta lista, a quem peço perdão e atribuo meu carinho e afeto.

A todos vocês, meu muito obrigado.

Francisca E rica Faustino da Costa

“Aquele que tem por vício a leitura, droga alucinógena das mais leves, acabará cada vez mais dependente dela. E o pior, passará para drogas mais pesadas, como a escrita. Nesta fase crítica, o leitor, agora escritor, tende a fugir regularmente da realidade e ter devaneios de que, assim como Deus, é criador de Universos inteiros”.

(Jefferson Luiz Maleski)

RESUMO

A escola hoje não se resume a apenas quadro negro e giz; os alunos têm acesso a diversos meios para obter informações e, por isso, é importante considerar o fato de que se a sociedade evolui constantemente, e a escola deve acompanhar e progredir com essa evolução. Hoje a escola é um espaço aberto a uma grande diversidade popular, com diferentes culturas e condições sociais, por isso, é preciso saber agir também diante deste aspecto. A leitura e a escrita em meio a essa diversidade de ações escolares é um tema bastante complexo uma vez que dependendo da forma como ambos são trabalhados na escola, podem comprometer e muito a aprendizagem dos alunos. É importante termos consciência de que os métodos de ensino-aprendizagem devem estar sempre voltados às necessidades dos educandos, facilitando desta forma a aprendizagem dos mesmos. O processo educativo deve criar através de metodologias adequadas para cada série, condições de aprendizagem para o aluno, de modo que, seja possível sondar e sanar as suas dificuldades, isso, é que torna a leitura e a escrita num processo contínuo. É também muito importante para o aluno o acompanhamento de seu professor uma vez que o será o mesmo que irá diagnosticar os problemas apresentados e proporcionar novas atividades para desenvolver a aprendizagem, eliminando qualquer tipo de rotulação ou discriminação por parte de seus colegas de classe.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura – Escrita – Aprendizagem – Metodologias – Ensino-aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
------------------------	-----------

CAPITULO I

1. A LEITURA NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
1.1 A importância da leitura para a formação social do indivíduo.....	13
1.2 A leitura na escola.....	14
1.3 Tipos de leitura.....	15
1.4 Concepções de leitura.....	15

CAPITULO II

2. A ESCRITA NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	23
2.1 O processo de construção da escrita.....	22
2.2 A importância da produção textual.....	26
2.3 A escrita do ponto de vista da criança.....	28
2.4 A prática do professor e a aprendizagem da leitura e escrita.....	29

CAPITULO III

3. ANÁLISE DOS DADOS.....	32
3.1. Estudo de caso.....	32
3.2. Análise dos questionários dos professores.....	33
3.3. Análise do estágio.....	38

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	56
-------------------------	-----------

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Sabendo da grande importância que a leitura e a escrita exercem na sociedade, é que optei pelo desenvolvimento deste trabalho o qual se intitula “Leitura e escrita: Um desafio nas séries iniciais”.

A escolha pelo tema em questão partiu primeiramente de uma experiência vivenciada através da observação de uma turma do 2º ano da escola Vitória Bezerra localizada na cidade de Sousa-Pb onde, fora constatado através de uma conversa informal com a professora responsável pela turma a sua preocupação a respeito da situação educacional dos educandos uma vez que os mesmos ainda não dominam os dois mecanismos (leitura e escrita) indispensáveis no processo de aprendizagem.

Diante da necessidade enfrentada pelos educandos da escola Vitória Bezerra de dominar e aprimorar os processos de leitura e escrita me vi na obrigação moral de oferecer algum tipo de orientação no sentido de desenvolver novas habilidades e contribuir para entender os problemas enfrentados pela escola, ajudando a compreender a necessidade de promover adequação e eficácia no processo de ensino-aprendizagem dos educandos.

Como segundo argumento, compreendo que a leitura e escrita apresenta os meios pelos quais os seres humanos conseguem expressar-se, defender suas idéias e se transformarem em sujeitos críticos e participativos capazes de se situarem conscientemente no ambiente social.

Nos dias atuais grande parte das instituições públicas se encontram distantes das teorias e de práticas que possam promover a formação de leitores críticos e participativos, o que resulta numa realidade distorcida, deficiente e que contribui pra alto número de repetência nas escolas de modo geral, portanto, entendo que as dificuldades de ensino-aprendizagem fazem parte do processo de leitura e escrita.

Como a leitura e a escrita são de fundamental importância para a sobrevivência do indivíduo, se faz necessário, uma “investigação” a cerca dos recursos que a escola dispõe para o desempenho do professor com relação ao desenvolvimento destas habilidades e ainda analisar a metodologia de ensino utilizada pelos educadores.

Quanto à sala de aula, sabemos que é de inteira responsabilidade do educador responsável pela sala, orientar os seus alunos para o hábito da leitura, como também trabalhar a língua escrita, pois estes são elementos que constituem instrumentos básicos para a alfabetização. É através da leitura que se adquire conhecimento e base para o desenvolvimento de uma boa linguagem oral e escrita.

Aprender uma língua e entender, interpretar e representar os significados das palavras de acordo com o meio sócio-cultural, não é uma tarefa muito simples, portanto o educador deve promover experiências significativas de aprendizagem da língua e ampliar as capacidades de comunicação e expressão associadas às quatro competências lingüísticas básicas: escutar, falar, ler e escrever.

Por acreditar que a escrita é uma necessidade de todos aqueles que vivem em sociedade, nada mais justo que desejar que todos os alunos, ao dominar a leitura e a escrita, se tornem aptos a ter acesso a qualquer tipo de informação e a resolver questões do dia-a-dia. Se o desejo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos que estão a sua volta, é preciso organizar o planejamento pedagógico de maneira que o aluno possa vivenciar as diferentes modalidades de leitura: Ler para informar-se, estudar, escrever melhor ou revisar o que produz, para resolver problemas do cotidiano e também para divertir-se.

É importante ressaltar que é de suma importância que o professor procure identificar e valorizar a escrita do aluno, encorajando cada um em suas descobertas a respeito da linguagem oral e escrita. É dentro dessa perspectiva que se insere a minha proposta de trabalho, analisar o processo de leitura e escrita desenvolvido pelos alunos do segundo ano do ensino fundamental da Escola Vitória Bezerra. Assim o presente trabalho norteia-se a partir das seguintes questões: Observar de que modo os professores trabalham com o conhecimento prévio dos alunos? Há disponível na escola os recursos didáticos necessários para o bom desempenho dos alunos? Identificar os principais entraves do aprendizado da leitura e escrita pelos discentes.

Em síntese, fora diante da necessidade de redimensionar o processo de leitura e escrita vivenciada nas escolas, foi que desenvolvemos este trabalho com o objetivo de discutir e analisar o ensino da leitura e da escrita nas séries iniciais, para a partir das reflexões e

análises aqui expostas, inferir acerca dos limites e possibilidades que apresenta a temática proposta.

Sabemos que leitura e a escrita quando é bem desenvolvida desde o início da alfabetização, proporciona a superação das dificuldades de aprendizagem das crianças. No entanto, é possível perceber que ainda é grande o número de crianças das escolas públicas que chegam à quinta série do ensino fundamental com muitas dificuldades na leitura e na escrita o que atrapalha o desenvolvimento desses alunos nos procedimentos dos professores.

Isso fez perceber a relevância da realização de um estudo investigativo sobre a realidade dessa prática docente a partir do que pensam os professores sobre elementos teóricos metodológicos, constituintes dessa atividade de que se apresentam como fatores de avanços ou entraves para um bom desenvolvimento no ensino da leitura e da escrita.

Para colocar em prática o tema desse estudo junto aos educandos da escola onde desenvolvemos este trabalho, utilizei-me dos seguintes recursos metodológicos: Dinâmicas, estudos reflexivos, trabalhos em grupos e individuais, produções de textos, colagens e confecções de cartazes.

A partir dos resultados adquiridos pelos mecanismos metodológicos supracitados, é que desencadeei a conclusão deste estudo, levando em consideração o que foi aproveitado no decorrer dos encontros.

Este trabalho se apresenta dividido da seguinte forma:

No capítulo I, apresentamos o Referencial Teórico no qual me pautei para a realização deste trabalho. Utilizando para tanto, contribuições de ABUD, CAGLIARE, CHIAPPINI, FERREIRO, TEBEROSKY, FREIRE, FAUCOMBERT, GARCIA, JOLIBERT, MAGNANI, MARTINS, VOTRE, ZILBERMANN entre outros conceituados escritores. De modo geral esses autores concebem a leitura e a escrita como uma forma de representação da linguagem. Neste capítulo fora abordado todos os aspectos relevantes referentes à prática da leitura e da escrita nas séries iniciais destacando o caminho percorrido por ambos até os dias atuais.

No capítulo II, demonstramos a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho a qual me serviu para a realização de um bom trabalho, uma vez que até então não havia tido nenhum contato mesmo que indiretamente com o corpo pesquisado.

No capítulo III, são expostos os dados coletados e realizado a discussão a cerca do mesmo à luz do referencial teórico utilizado.

O capítulo IV traz as considerações finais onde será abordada toda a trajetória percorrida durante o estágio e aprendizagem que o mesmo me deixou.

Em síntese, essa é a proposta do estudo empreendido. Esperamos que os resultados obtidos correspondam ao meu esforço e que possam contribuir de alguma forma no desenvolvimento da leitura e escrita não só na escola onde desenvolvi este trabalho mais também em todas as instituições públicas ou privadas que enfrentem os mesmos problemas de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO I

1. A LEITURA NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO.

Segundo Adrigue (2000), no Brasil, a formação de leitores não constou no plano administrativo da Corte Portuguesa, sendo deixada a critério de uma orientação religiosa comprometida com um projeto de colonização que, entre outras funções, visava ministrar a educação humanística aos jovens provenientes de famílias abastadas. No Brasil - colônia a prática, de uma política educacional igualitária fez com que se registrassem as histórias de leitura como um privilégio a poucas pessoas. O direito de ler, instituído e legitimado era reservado aqueles candidatos que estavam em harmonia com os objetivos dominantes.

Para os escravos, estabelecia-se um sistema de coerção e repressão como os únicos direitos reconhecidos e legitimadores dos interesses da classe dominante. Subjacente a esse direito de ler e ao conteúdo específico de leitura, desenvolvia-se uma metodologia baseada na repetição e espelhada numa filosofia educacional que interessava exclusivamente a elite dominante, uma vez que se reconhecia o perigo que a leitura representava para o desvendamento da realidade.

Desta forma, reforçava-se a permanência de uma consciência ingênua necessária à manutenção do sistema dominante, cerceando-se qualquer possibilidade crítica (Luckesi, 1991). O material autorizado para leitura e, oficialmente, reconhecido não tinha qualquer identificação com a realidade das classes populares (índios, afros descendentes e imigrantes), restando-lhes somente a sujeição aos maus tratos da classe dominante. O conteúdo de leitura disponível expressava apenas os interesses da realeza e de outras classes dominantes.

Em suma, a leitura, percorreu um imenso e turbulento caminho até que os dias atuais. No entanto, as condições de produção de leitura, na atualidade brasileira, revestem-se, ainda, das características da fase colonial, já que poucos lêem e outros são, brutalmente, alijados deste direito. As práticas de leitura ainda são, ensinadas de forma idealizada e desarraigada do seu contexto social, econômico e político, sem qualquer avaliação crítica nem confronto com a realidade.

1.1 A importância da leitura para a formação social do indivíduo.

Na sociedade letrada, ler é uma necessidade básica e um direito do ser humano. Para compreender e participar do mundo é preciso ler. A leitura diverte e informa ao mesmo tempo em que alimenta a fantasia e estimula a imaginação. O livro possibilita ainda reflexões e, conseqüentemente, uma revolução do saber, favorecendo a construção das relações sociais. O desafio da sociedade é encontrar novos rumos para a educação, novas metodologias que privilegiam a descoberta, e a criatividade. À aula em que só o professor fala, ensina forma repetidores, não forma cidadãos.

A educação libertadora só se dá através da leitura, pois quem lê se abre a novas idéias, avalia as próprias e cria outros modos de ver, novas maneiras de entender a si mesmo e ao mundo. “A leitura de textos provoca no leitor, um movimento de reflexão sobre o texto e sobre o mundo e sobre o mundo do texto. A prática do ler acaba envolvendo o aluno” (Neto 1992, p. 66).

É lendo que o aluno se instrui se torna independente e continua crescendo mesmo quando deixa a escola. No entanto, poucas crianças têm o hábito de ler em nosso país. A média é de um livro para cada criança anualmente. A maioria não tem acesso ao livro. O seu primeiro contato se dá na escola. E o que é pior, quase sempre de maneira errada. Pois muitos de nossos professores também não aprendem a ler e impõem à leitura como uma obrigação.

Nos dias de hoje, percebe-se que as crianças começam a formar sua leitura de mundo e despertar para rabiscos, traços e desenhos desde cedo, conforme as oportunidades que lhes são oferecidas. Cabe então, enfatizar que se faz necessário colocá-las em contato com a leitura e a escrita de maneira prazerosa. Um importante caminho a ser seguido nesse aspecto é a exploração frutiva da literatura infantil.

Neste sentido, este trabalho propõe-se a discutir a importância da leitura e da escrita de forma prazerosa na escola, destacando o seu caminho histórico através dos tempos, de maneira a ser compreendido a importância de ambas também no seu contexto social.

A literatura infantil desperta o interesse e a atenção das crianças, desenvolvendo nelas, entre outras coisas, a imaginação, a criatividade, a expressão das idéias, e o prazer pelo ato de ler e escrever. Cabe ressaltar também, que a leitura e a escrita oferecem situações,

nas quais as crianças possam interagir em seu processo de construção do conhecimento, possibilitando assim, o seu desenvolvimento e aprendizagem. É lendo e contando histórias, oferecendo livros a criança desde a mais tenra idade que se forma um bom leitor. Não se aprende a ler por obrigação.

1.2 A leitura na escola

As escolas muitas vezes cometem o erro de acreditar que a criança encontra dificuldades de leitura nas séries iniciais devido a não maturidade suficiente para a aprendizagem desta habilidade. Porém, engana-se quem acreditar que as crianças chegam ao ambiente escolar vazias de qualquer aprendizagem.

É importante ressaltar que, mesmo antes de entrar na escola, muitas crianças já têm contato com a leitura e também com a escrita, principalmente aquelas que vivem nas grandes cidades, pois precisam desde cedo saber ler, pelo menos, placas de ônibus, números, nomes, etiquetas etc. Os educadores devem estar cientes “de que seus alunos não partem do zero, e sim de que tem conhecimentos prévios construídos, a partir dos quais se devem criar pontes para as novas aprendizagens” (Colomer e Teberosky, 2003). Diante desta realidade, deixar claro a necessidade de que a leitura trabalhada na escola seja ampla, não restrita aos textos das cartilhas. Então, é necessário ensinar as crianças como proceder em cada caso ensinando-lhes que se lê de forma diferente uma revista, um jornal, uma placa, um a etiqueta, um jornal etc.

Por ser a leitura, na sua essência, uma atividade individual, a escola não deve torná-la um mero pretexto para avaliar outros elementos, como pronúncia, rapidez de decifração etc. Não deve também, passar aos alunos a falsa idéia de que a ortografia só permite a leitura da palavra, segundo a fonética do dialeto padrão que a escola usa. Em outras palavras, a escola deve ensinar as crianças a ler no dialeto trazido por elas. Essa atitude é fundamental para formar bons leitores. Cabe salientar que, à medida que o aluno vai entendendo o seu treinamento, a leitura pode ser um momento interessante para que ele possa aprender o dialeto da escola.

É função da escola criar oportunidades de observação de livros e situações que a leitura prevaleça como fator também importante para a nossa comunicação, dentro e fora da

escola. Segundo Freire “a leitura de mundo precede a leitura da palavra (...) e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela” (1989, p.11).

A leitura associa-se desde o seu aparecimento a difusão da escrita. Colocada na base da educação, ela pode assumir de imediato o componente democratizante, pois segundo Zilberman e Silva (1998, p. 13), “ler veio a significar igualmente a introdução ao universo de sinais conhecidos como alfabeto e a constatação do domínio exercido sobre ele”.

A sala de aula é lugar onde a leitura é algo essencial para o desenvolvimento dos alunos, sendo, que ela não só favorece as crianças dentro da escola, como também fora dela. Neste sentido, Teberosky (1998, p. 34) afirma que,

Sabemos então que a fonte de informações para as crianças é tanto escolar quanto extra-escolar (a voz do professor, livros, enciclopédias, televisão e jornais) e também seus companheiros podem contribuir para uma mútua alfabetização, por isso incentivamos o trabalho em grupo.

A citação supracitada vem reforçar a idéia anterior, onde fora afirmado que a criança não chega à escola sem conhecimentos prévios, ou que a escola seja o único sistema determinante para o início de seu aprendizado, cabe ao professor valorizar os conhecimentos prévios que a criança já traz e conseqüentemente procurar trabalhar o seu desenvolvimento. Segundo Teberosky, (1998, p. 26),

O professor deve saber que tipo de informação é relevante para cada momento e qual tipo de informação que ajuda a criança a progredir, (...) seu papel deve ser de fazer coincidir a informação que oferece com a necessidade da criança de tal maneira que resulte coerente a tarefa que se propõe.

1.3 Tipos de leitura

Segundo Martins (1994, p.36), existem três níveis básicos de leitura os quais é possível visualizar, sendo que cada um destes níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido, são eles:

A **leitura sensorial**, ela vai dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não, mesmo inocente, sem a necessidade de racionalizações, justificativas, porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar.

A **leitura emocional**, assim como a anterior, também tem seu teor de inferioridade, pois ela lida com sentimentos, o que necessariamente implicaria falta de objetividade, subjetivismo.

E por fim a **leitura racional**, a mesma enfatiza o intelectualismo, doutrina que afirma a preeminência sobre os sentimentos e a vontade. Um aspecto muito difundido dessa concepção é o fato de limitar a noção de leitura ao contexto escrito, pressupondo educação formal e certo grau de cultura ou mesmo erudição do leitor.

O importante é que cada indivíduo pratique, mesmo que não diariamente algum tipo de leitura. Desta forma, não se tornará “alheio” ao mundo que o rodeia.

Segundo (Breus, apud Cagliari, 1990, p. 150),

As pessoas que não lêem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimentos. É claro que a experiência da vida não se reduz a leitura. A vida como tal é grande mestra. Algumas pessoas conseguem se sair bem economicamente, mas nem por isso deixam de ser pessoas vazias. Tem a riqueza externa, sabem se virar na sociedade, mas são pobres culturalmente, porque só a experiência da vida, por mais rica que possa ser não é suficiente para formar uma cultura sólida e geral.

1.4 Concepções de leitura

Há inúmeras concepções sobre o ato de ler. Para realização e construção deste projeto de pesquisa, utilizei-me das contribuições de: Abud 1987, Cagliari 1997, Chiappini 1997, Ferreira 1991, Teberosky 1991, Freire 1996, Faucombert 1994, Garcia 2001, Jolibert 1994, Magnani 1997, Martins 1994, Votre 1987 e Zilbermann 1998.

Para Lajolo (1982, p. 59),

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Zilbermann (1998) ressalta a perspectiva individual da leitura, quando esta é considerada o resultado de um período determinado de escolarização. Deste ponto de vista, “ler não é inato ao ser humano, e essa circunstância a de consistir em habilidade adquirida, denuncia de imediato a natureza social daquela atividade” (p.14). Percebe-se a dimensão social de modo mais evidente, quando lembramos que o exercício da leitura depende do funcionamento e integração de alguns fatores: um sistema (o da escrita); um processo (o da alfabetização); um conjunto de valores (o que postula de a pessoa dominar o código escrito distinguindo as que o fazem das que ainda não foram capacitadas para tanto).

No princípio do processo de aquisição de saber propiciada pela escola está à alfabetização, porque, em nossa sociedade, ter conhecimento da realidade passou a depender cada vez mais de ler. Essa habilidade hoje é obtida na escola. Para essa obtenção segundo Zilbermann (1998, p.16).

Foi preciso expandir o sistema de ensino, torná-lo obrigatório e valorizar seus resultados. Com isso a escola deixou de ser um lugar para converter-se numa instituição, com a qual a leitura vinculou-se para sempre. O fato lhe conferiu, desde então, inevitável fisionomia pedagógica, pois não pode impedir que fosse identificada à instituição que a promovia e difundia, sem deixar de se apresentar como sintoma do funcionamento e eficiência daquela.

A esse respeito, Aquino (2000, p. 40) ressalta que,

A leitura é uma prática social que não se resume à educação institucionalizada, mais centra-se na relação sujeito – conhecimento - mundo, estimulando os participantes no processo crítico a buscarem, nas múltiplas formas de compreensão, de desvelamento e de reconstrução do conhecimento, as alternativas para produzir textos, transformar a si próprio e sua realidade.

Neste sentido, a escola se incumbiu, portanto, de introduzir as crianças ao mundo da leitura, esta tarefa complexa envolve mais que ensinar a codificar ou decodificar signos, pois a leitura é processo muito amplo: é atribuir significado aos sinais gráficos, conforme o sentido que o escrito lhe atribui e conforme também a relação que o leitor estabelece com sua própria experiência.

Ler envolve reagir com os sentidos da visão e da audição (quando se vê e se ouve os símbolos gráficos) e com a emoção (apreciar, desgostar, concordar ou discordar, identificar-se, satisfazer-se). Jolibert (1994, p.15) enfatiza que ler: “é atribuir diretamente um sentido o algo escrito”. “Diretamente”, isto é sem passar pelo intermediário.

A leitura, desse modo, nada tem a ver com uma decifração linear e regular, “que parte da primeira palavra da primeira linha para chegar à última palavra da última linha”, ela varia de um leitor para outro e, para um mesmo e, para um mesmo leitor, de um texto para outro e, para um mesmo leitor e um mesmo texto, de um objeto de procura para outro (posso, em momentos diferentes, procurar informações diferentes num mesmo artigo). Na escola como na vida para Jolibert, ler é ler escritos reais, que vão desde um nome de uma rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, etc., no momento em que se precisa realmente deles numa determinada situação de vida.

Ainda na perspectiva de Jolibert (1994, p.13)

Não se lê para aprender a ler (exceto nas atividades de sistematização), lê-se sempre por um interesse imediato. A vida cotidiana está cheia de oportunidades e necessidades de leitura, e nosso problema hoje está mais em encontrar tempo para todos os textos do que nos encontrá-los. Lemos para atingir vários objetivos: responder a necessidade de viver com os outros, na sala de aula e na escola; comunicar-se com o exterior; descobrir as informações; fazer (brincar, construir, levar a termo um projeto-emprego); alimentar e estimular o imaginário; documentar-se num, quadro de uma pesquisa em andamento.

O que se pode observar é que o ato de ler e escrever no que se refere ao contexto social ganha cada vez mais destaque devido às necessidades dos sujeitos perante a sociedade. A escola de hoje recebe muitos alunos provenientes das camadas populares, esses alunos dependem, muitas vezes, exclusivamente da escola para se apropriarem das

outras formas de participação social. Por dificuldades decorrentes de suas condições de vida o trabalho escolar não é complementado pela orientação de estudos em casa.

Segundo Cagliari (1995, p.148), “A leitura é extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola”. Dessa forma, o autor reforça a importância que a leitura tem grande importância também fora da escola, e a trata como fator relevante à formação do indivíduo. Ainda nessa perspectiva, Neto ressalta que “ler é valorosa ação e acontecimento para que o aluno extrapole e avance enquanto ser que pensa e que descobre o pensamento de outros, através da palavra e de sua organização (1992, p. 66)”.

O que se pode observar também, é que embora a leitura seja considerada como uma aquisição necessária aonde à mesma venha ser atribuída um valor positivo e absoluto, uma vez que traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e a sociedade também como forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos, de enriquecimento cultural, da ampliação das condições de convívio social e de interação. Para a demanda pobre da população brasileira o acesso à leitura e a escrita, se apresenta muitas vezes apenas como um instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. Em paralelo a esta posição encontraremos a classe dominante que vê muitas vezes a leitura como fruição, lazer, ampliação dos horizontes, de conhecimentos e experiências.

Segundo Teberosky e Ferreiro (1991), a criança desenvolve sua própria maneira de aprender a ler e a escrever e é nesse processo que professores e pais devem voltar-se com mais atenção.

Na visão das autoras supracitadas, “a alfabetização, aquisição da leitura e escrita da criança não depende tanto do método de ensino, mais ocorre de modo quase que natural e é personalizada”.

De acordo com Teberosky (1995, p.66), “o conhecimento da escrita começa muito antes da criança freqüentar uma escola. Por tanto, sua origem é extra escolar”.

Segundo a autora, a criança ao freqüentar a escola já tem um certo conhecimento da escrita, pois, a mesma em ciclo familiar envolve-se com símbolos e ao transmiti-los está

reforçando o que compreende da escrita. Na verdade a leitura não é uma simples prática escolar, mais um processo desencadeado pela vontade ou necessidade do leitor em compreender os textos que estão a sua volta.

Para Abud (1981, p.71) “a aquisição da leitura e escrita se faz muito mais no contexto das crianças do que das cartilhas propriamente ditas”.

Fundamentada nesta perspectiva acredito que, para começar a ler e a escrever, as crianças não devem nem precisam se limitar apenas ao estudo da gramática, uma vez que as mesmas já dominam a língua portuguesa, sobretudo na sua modalidade oral.

A esse respeito Cagliari (1994, p.17) diz que “qualquer criança que ingressa na escola aprendeu a falar e a entender a linguagem sem necessitar de treinamentos específicos ou de prontidão par isso”.

Dessa forma, o autor reforça a idéia de que, antes mesmo de freqüentarmos algum estabelecimento educativo, já “dominamos” a prática da linguagem, instrumento essencialmente necessário ao desenvolvimento da leitura e da escrita.

Cagliari também acredita que para ler não é preciso que a criança conheça todas as palavras do texto. Deixá-la ler, levando-a a refletir sobre as estratégias de leitura e o conteúdo do texto é o fundamental. (1997, p.24).

De acordo com Martins (1994, p.23), “uma vez alfabetizada a maioria das pessoas se limitam à leituras com fins pragmáticos, mesmo assim leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”.

Nos dias atuais o processo de leitura e escrita se encontra “banalizada” onde indivíduos muitas vezes lêem simplesmente por questões estritamente obrigatórias, desconsiderando assim, o prazer que uma boa leitura possa nos trazer.

Talvez seja esta a explicação dos mais diversos fracassos na nossa escola, muitos educandos freqüentam a escola simplesmente por interesses econômicos, ou para conseguirem uma promoção ou até mesmo para facilitar a entrada no mercado de trabalho visivelmente competitivo.

Para Cagliariare “a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando à pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura” e nesta perspectiva, ele acredita que “... a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, e de interiorização, de reflexão... a escola que não lê muito para os seus alunos e não lhes dá a chance de ler muito está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos”. (1997, p.148-150).

Desta forma, Cagliariare, deixa bem claro o grau de importância que a leitura traz tanto para a vida escolar quanto para a vida social dos sujeitos.

De acordo com os PCNS (2001, p.20) as evidências de fracasso escolar apontam a necessidade de reestruturação do ensino da língua portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita.

Deste modo à reestruturação de ensino da língua portuguesa, mostra-se como um possível caminho a ser percorrido pela dificuldade de se trabalhar a leitura e a escrita na escola.

Nesse sentido, os parâmetros curriculares nacionais surgiram como uma espécie de síntese do que foi possível aprender e avançar nesta década, em que a democracia das oportunidades educacionais começa a ser levada em consideração, em sua dimensão política também no que diz respeito aos aspectos intra-escolares.

Segundo Freire (1996) a aprendizagem da língua materna deve ser antes de tudo, a leitura da “palavra-mundo” e jamais deve significar uma ruptura com social e histórico da vida humana.

Desse modo, a leitura do mundo precede a leitura da palavra Freire (1996). Daí inclusive, sua grande descoberta de mais de vinte anos atrás, o famoso método de alfabetização, que partia do mundo real do alfabetizando (da pesquisa vocabular até a formação da palavra chave: tijolo, parede, etc.). Da realidade cotidiana do aprendiz nascia, naturalmente, o conhecimento do mundo das palavras e das frases escritas: o conhecimento do código.

A leitura atende a curiosidade infantil em diversos campos e, assim, chega a reunir muitas disciplinas que compõem o leque do aprendizado. A obra literária não tem nenhuma obrigação de ser didática, mas o trabalho pode e, se bem feito, deve utilizar de

livros de ficção para complementar, introduzir ou aprofundar conceitos de Linguagem, Estudos Sociais, Ciências e Matemática, uma vez que o desenvolvimento dos processos de leitura e escrita ocorre também na relação que estabelecemos com o que aprendemos em outras áreas do conhecimento. A continuidade do processo educacional após a alfabetização é importantíssima, pois a escolarização abre novos horizontes na medida em que também expõe as pessoas a novos contextos de compreensão, interpretação e produção de leitura e escrita.

CAPÍTULO II

2. A ESCRITA NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO

No que diz respeito à escrita, se esta não foi o primeiro dos mecanismos de fixação cultural utilizado pela humanidade, pode-se afirmar que é um dos mais antigos. Tão logo criada, ela assumiu um caráter distinto, conferindo àqueles que dominavam a técnica de escrever (ou desenhar os sinais equivalentes a palavra inteiras, sílabas ou fonemas) um lugar de destaque na sociedade. O escriba foi até a decadência da civilização micênica, no final do segundo milênio a.C., um indivíduo privilegiado, pois, ainda que viesse das massas populares livres ou escravas, tinha acesso à vida palaciana, circulava entre a aristocracia e estava próximo a realeza.

Segundo Cagliari (1997) a escrita pode ser dividida em três fases distintas:

A **fase pictória**, que se distingue pela escrita através de desenhos ou pictogramas, os quais aparecem em inscrições antigas, mas podem ser vistas de maneira mais elaborada nos contos da América do Norte, na escrita asteca e mais recentemente nas histórias em quadrinhos. Os pictogramas consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade.

A **fase ideográfica**, que caracteriza pela escrita através de desenhos especiais chamados ideogramas. Esses desenhos foram ao longo de sua evolução perdendo alguns dos traços mais representativos das figuras representadas tornando-se uma simples convenção de escrita.

A **fase alfabética** que se caracteriza pelo uso de letras. Estas tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictório e passou a ser simplesmente uma representação fonética.

2.1 O processo de construção da escrita na escola.

A construção de um domínio cultural como o do código escrito não é empreendimento individual, mais uma tarefa compartilhada como outros que já o construíram ou estão prestes a fazê-lo, pois esta construção implica a elaboração de representações sobre este domínio, assim como saber usá-las e poder participar com elas em uma comunidade de prática. Para fazer com que as crianças participem de atividades de leitura e escrita, a escola precisa criar pontes entre as práticas de leitura e de escrita da casa, da escola e da comunidade, oferecendo aos alunos um contexto e um sentido, um propósito e uma finalidade significativa irrelevante, estimulando a utilização de estratégias similares às usadas pelos sujeitos alfabetizados fora do âmbito escolar, para compreender e aprender a partir de um texto escrito ou para exprimir e comunicar idéias por escrito, com o meio de os alunos aprenderem na escola os usos sociais e culturais da língua escrita e suas estratégias de sua utilização autônoma e crítica.

Para desenvolver a competência na linguagem escrita, deve-se criar, na sala de aula, um clima de aceitação, de estímulo e de diálogo permanente incentivando a capacidade de reflexão compartilhada e a participação como prática habitual de resolver os diversos problemas e conflitos nela surgidos, considerar os erros e as dificuldades como elementos próprios do desenvolvimento dos alunos (“erros construtivos” próprios do processo de apropriação do objeto de conhecimento), oferecer um ambiente de aprendizagem que gere e proporcione múltiplas situações de leitura e de escrita como atividades relevantes e comprometidas para os alunos e envolver os adultos próximos na tarefa de leitura e de escrita.

É a partir das experiências e do conhecimento dos alunos considerados sujeitos cognoscitivos, é que se pode levar em conta a gênese da construção do conhecimento, respeitar a natureza da língua escrita percebida como objeto de conhecimento de caráter social e cultural, oferecer atividades significativas, favorecer a compreensão do que está sendo feito facilitar o uso funcional do código, fomentar um ambiente alfabetizador, criar pontes entre a escola e o meio, assumir o papel de mediador cultural, etc. Todos esses elementos foram o fio condutor que tentou dar coerência a este trabalho, o qual pretendo concluir relembrando uma das reflexões de um grande professor e pedagogo:

Se introduzirmos na escola instrumentos e técnicas que permita um trabalho que corresponde às necessidades funcionais das crianças, então o problema da aquisição da escrita e da leitura não se colocará com a mesma profundidade. (Freinet, 1970).

É importante ressaltar que muito antes de iniciar o processo formal de aprendizagem da leitura/escrita, as crianças constroem hipóteses sobre este objeto de conhecimento. Segundo Ferreiro e Teberosky a grande maioria das crianças, na faixa dos seis anos, faz corretamente a distinção entre texto e desenho, sabendo que o que se pode ler é aquilo que contém letras, embora algumas ainda persistam na hipótese de que tanto se pode ler as letras quanto os desenhos.

Segundo Ferreiro, “nenhuma criança chega à escola ignorando totalmente a língua e a escrita. Elas não aprendem porque vêem e escutam ou por ter lápis e papel à disposição, e sim porque trabalham coletivamente com o que o meio lhe oferece” (1990, p.51).

Desta forma, é preciso que o educador leve em consideração os conhecimentos prévios de seus alunos, uma vez que a criança constrói o seu conhecimento independentemente da camada social a que pertence e antes mesmo de entrar na escola traz consigo uma rica bagagem adquirida através de experiências e vivências do seu cotidiano.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1991), o processo de construção da escrita na criança se dá através de 5 (cinco) fases:

Na fase 1, é onde se dá o início dessa construção, as tentativas das crianças dão-se no sentido de reprodução dos traços básicos da escrita com que elas se deparam no cotidiano. O que vale é a intenção, pois, embora o traçado seja semelhante, cada um “lê” em seus rabiscos aquilo que quis escrever. Desta maneira, cada um só pode interpretar a sua própria escrita, e não a dos outros. Nesta fase, a criança elabora a hipótese de que a escrita dos nomes é proporcional ao tamanho do objeto ou ser a que esta se referindo.

Na fase 2, a hipótese central é de que para ler coisas diferentes é preciso usar formas diferentes. A criança procura combinar de várias maneiras as poucas formas de letras que é capaz de reproduzir. Nesta fase, ao tentar escrever, a criança respeita duas exigências básicas: a quantidade de letras (nunca inferior a três) e a variedade entre elas (não podem ser repetidas).

Na fase 3, são feitas tentativas de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõe a palavra. Surge a hipótese silábica, isto é, cada grafia traçada corresponda a uma sílaba pronunciada, podendo ser usadas letras ou outro tipo de grafia. Há, neste

momento, um conflito entre hipótese silábica e a quantidade mínima de letras exigida para que a escrita possa ser lida. A criança nesta fase, trabalhando com a hipótese silábica, precisa usar duas formas gráficas para escrever palavras com duas sílabas, o que vai de encontro às suas idéias iniciais que são necessárias, pelo menos três caracteres. Este conflito a faz caminhar para outra fase.

Na fase 4, ocorre então a transição da hipótese silábica para a alfabética. O conflito que se estabeleceu entre uma exigência interna da própria criança (o número mínimo de grafias) e a realidade das formas que o meio lhe oferece, faz com ela procure soluções. Ela, então, começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente.

Na fase 5, finalmente é atingindo o estágio da escrita alfabética, pela compreensão de que a cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores menores que a sílaba, e que uma palavra, se tiver duas sílabas, exigindo, portanto, dois movimentos para ser pronunciada, necessitará mais do que duas letras para ser escrita e a existência de uma regra produtiva que lhes permite, a partir desses elementos simples, formar a representação de inúmeras sílabas, mesmo aquelas sobre as quais não se tenham exercitado.

2.2. A importância da produção textual

No que se pode perceber, o processo de alfabetização, se caracteriza, segundo Magnani, pelo esforço em “ensinar a escrita de uma língua a crianças que são falantes nativas dessa língua” (1997, p.9), sem desvinculá-la da noção de texto. Afinal, ensina-se a ler e a escrever, na maior parte dos casos, através de textos, e se objetiva, com a alfabetização, que o aluno crie e concretize com segurança seus textos e estabeleça sentidos a outros textos.

Sendo lugar de enunciação e produto de interação verbal, o texto deve constituir-se em objeto privilegiado para o ensino-aprendizagem da língua. É nele que a língua se configura em sua “concretude”. Nele se estabelece uma área de interesse comum a quem escreve e a seu interlocutor. Sendo “unidade de sentido”, o texto é segundo Magnani (1997, p.18).

Objetivação de um projeto, concebido, executado e avaliado por um sujeito que, a partir de certos objetivos, sobressaltado pelas contingências e mediado pela linguagem, em determinadas condições históricas e sociais, escolhe dentre as possíveis e conhecidas opções de dizer/escrever o que precisa dizer/escrever para outro(s).

Todo texto apresenta uma determinada configuração abrangendo “o conjunto de relações constitutivas de sua coerência e coesão, a saber: por que, para que, quem, para quem, quando, onde, o que e como se diz/escreve?” Magnani (1997, p.18).

Antes de entrar para a escola a criança já pode interagir com o texto e suas múltiplas manifestações, mas é no processo inicial de ensino–aprendizagem que esta interação se estabelece de maneira mais efetiva e sistemática, no sentido de fazê-la conhecer a estrutura, as regras de organização, as linguagens específicas nele empregados.

Na escola e fora dela o texto se apresenta de acordo com Magnani como “objeto cultural, que se produz como singularidade, na tensão entre sistemas de referências relativamente estáveis em uma determinada formação social e opções discursivas que se aprende a conhecer produzir como projeto” (1997, p.19).

O texto escrito objeto de maior atenção no processo ensino/aprendizagem, apresenta muitos significados que é preciso explicitar, uma vez que, na língua oral, se usa meios não verbais (aspectos prosódicos, gestos, etc.), por outro, na língua oral, a compreensão é contemporânea da expressão, não é possível voltar, refazer o percurso em busca de melhor expressão, ou de mais adequada compreensão.

É preciso começar a fazer a criança perceber que o texto escrito possui características que o diferenciam do discurso oral.

Na escrita segundo Votre, em princípio, a continuidade do discurso é reflexo da percepção da seqüência cronológica dos eventos ou detalhes num conjunto, os modos de linearizar os eventos e os estados variam em nível de codificação. (1997, p. 114).

Portanto, não se pode falar em texto escrito sem se reportar ao processo gerador e mantenedor da competência em escrever: a leitura.

2.3. A escrita do ponto de vista da criança

De acordo com Teberosky (1991) investigações acerca da educação demonstraram que a aprendizagem da escrita não é uma tarefa simples para a criança, já que requer um processo complexo de construção, em que suas idéias nem sempre coincidem com as dos adultos.

O ensino da lecto-escrita tem se baseado em certas pressuposições, uma delas é de que o nosso sistema alfabético de escrita é natural e que a única dificuldade consiste em aprender as regras de correspondência entre fonema e grafema, e, partindo dessa suposição, para aprender a ler e a escrever é necessário ressaltar fundamentalmente o aspecto sonoro.

As investigações de Ferreiro (1981) demonstram que as idéias das crianças não coincidem com essa pressuposição. Até os 4 (quatro) anos, elas tentam compreender que tipo de objeto são as letras e os números de nosso sistema de representação convencional. As grafias, segundo Ferreiro, são consideradas somente como “letras”, “números”, “a, e, i, o, u”, etc. Para a criança desta faixa etária as “letras” ou os “números” não substituem nada, é aquilo que são um objeto a mais, que como os outros no mundo não possuem um nome.

Essa maneira de pensar modifica-se a partir da faixa etária das crianças. As grafias servem para substituir outra coisa, passam a ser “objetos substitutos”, que têm um significado próprio para cada criança e que só ela saberá interpretar. Para as crianças as grafias não representam sons. O primeiro tipo de relação consiste em buscar alguma correspondência entre os sinais gráficos e os objetos do mundo. Como os objetos têm nome, a relação se estabelece quando para certo conjunto de letras se atribui o nome do objeto ou imagem que o acompanha. Porém, o nome ainda não é a representação de uma pauta sonora e sim uma propriedade dos objetos que podem ser representados através da escrita, a atribuição depende muito mais das correspondências que existem na relação com o objeto do que das propriedades daquilo que está escrito. Desta forma, um mesmo conjunto de letras significa “vaca” perto da imagem de uma vaca, sem que se exclua que pode significar outra coisa se estiver relacionada a outra imagens.

Portanto, a idéia de que a escrita é um objeto substitutivo, isto é, tem um significado, está bastante distante da redução a uma simples associação entre fonemas e sons e não depende unicamente de uma representação de fonemas.

2.4 Prática do professor e a aprendizagem de leitura e escrita

Para as crianças compreenderem as funções da língua escrita na sociedade, é necessário receber informações através de atos sociais. Por este motivo as crianças que crescem em famílias onde há pessoas alfabetizadas e onde ler e escrever são atividades cotidianas tem mais acesso a essas informações que aquelas provenientes de lares com níveis de alfabetização baixos ou nulos. Mesmo quando crescem em ambientes rico em experiência de alfabetização tem muitos problemas para compreender o conjunto de formas gráficas convencionais e suas regras de composição como um sistema representativo específico, por formularem várias hipóteses que não são ordenadas evolutivamente nem de modo individual.

A escrita é importante na escola porque é importante fora da escola e não o inverso. Sobre essa transmutação da escrita operada pela escola.

Ferreiro (1983, p.21) afirma que:

A escola (como instituição) se converteu em guardiã desse objeto social que é a língua escrita e solicita do sujeito em processo de aprendizagem uma atitude de respeito sego diante desse objeto sobre o qual se pode atuar, um objeto para ser contemplado e reproduzido fielmente, sem modificá-lo.

Como outros sistemas de escrita, o sistema alfabético é produto do esforço coletivo para representar o que se quer simbolizar: a linguagem, que como toda representação baseia-se em uma construção mental que cria suas próprias regras. Para Ferreiro (1999, P.55), escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente.

O que pode levar a criança ficar continuamente envolvido, como agente observador do mundo “letrado”, é o fato dos adultos lhe possibilitar agir como leitores, antes de sê-los, e que aprendam o essencial das práticas sociais ligadas à escrita.

Para Vygotsky (1989) a aprendizagem é construída na interação de sujeitos cooperativos que têm objetivos comuns. Portanto, ler não é o equivalente a de cifrar códigos. A aprendizagem que se dá nessa interação consiste na leitura com compreensão.

Neste sentido, a escola pode cumprir um importante e insubstituível papel nessa compreensão. No entanto, este não deveria ser o de dar inicialmente todas as chaves secretas do sistema alfabético, mas o de criar condições para que as crianças as descubram por si mesmas.

Nesta perspectiva, a autonomia deve desenvolver-se através das relações baseada no respeito mútuo, devido ser um poder que só pode ser íntimo e que só se exerce dentro de esquema de cooperação.

Nesse processo, o educador é aquele que orienta o trabalho do educando, criando situações que propiciem às suas descobertas, sistematizando os conhecimentos na construção da leitura e da escrita. Portanto, faz-se necessária ao educador formação e capacitação adequada a sua função educacional, para que este possa proporcionar tais oportunidades.

Na compreensão de Ferreiro (1993, p.102) “é necessária imaginação pedagógica para dar as crianças oportunidades ricas e variadas de interagir com a linguagem escrita. É necessária formação psicológica para compreender as respostas e as perguntas das crianças”.

É necessário também, entender que a aprendizagem da linguagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um código de transcrição: é a construção de um sistema de representação.

Nesse sentido, Freire, (2000, p.29) afirma que:

Desde o começo a prática e crítica, a leitura de mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativas à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligadas à experiência do educador.

Isso nos mostra que o professor deve contemplar atividades que tenham relação com temas significantes e levem os alunos a compartilhar tanto à leitura quanto a escrita.

Na opinião de Teberosky e Colomer (2003, P.145).

Promover o espaço da criança com histórias, poemas ou livros informativos é uma condição essencial para favorecer o acesso à língua escrita e para motivar desejo de aprender a ler.

Se o espaço da sala de aula reflete uma imensidão induzida no mundo da escrita é atrativa e organizada e o professor tenta realizar um trabalho de cooperação com os alunos, a aula desenvolvida terá resultados prazerosos, com significado prático para o aluno.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

3.1. ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência.

Segundo Matos (2001, p. 58) utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e conseqüentemente, aprofundando seus aspectos.

Desta forma, elaborei o presente estudo de caso realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Marques de Sousa a qual se encontra localizada na periferia da cidade de Sousa-Pb, sendo desenvolvido no período de novembro a dezembro de 2007.

Os sujeitos que fizeram parte deste estudo foram 27 alunos da 4ª série do ensino fundamental e 5 professores deste mesmo nível de ensino.

Como instrumento de pesquisa utilizei-me do questionário por este se apresentar como uma interlocução planejada, constituído por um conjunto de perguntas pré-elaboradas, ordenadas e pré-testadas, sequentemente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar as respostas dos informantes, sendo desnecessária a presença do pesquisador na produção dessas respostas.

Segundo Matos (2001, p. 60) esse instrumento deve possuir um cabeçalho, em que será explicado a pesquisa, os objetivos e a importância das respostas corretas, como também ser respondido por completo, além da garantia do sigilo das informações.

3. 2. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES.

Os dados foram coletados junto a cinco professores das séries iniciais da Escola Municipal “Maria Marques de Sousa”, como forma de conhecer melhor o que pensam os professores sobre a questão da leitura e escrita.

Como instrumento de pesquisa utilizei-me do questionário contendo questões abertas e de múltiplas escolha, os educadores utilizados na pesquisa foram codificados de (A, B, C, D, E) para que desta forma suas identidades não sejam reveladas.

Referente à **série que leciona** - 20% lecionam na alfabetização, 20% na 1ª série, 20% na 2ª, 20% na 3ª e 20% na 4ª série. Neste sentido, podemos perceber que os educadores entrevistados atuam em diferentes áreas do ensino fundamental I, o que proporcionará uma visão mais ampla com relação as dificuldades enfrentadas nessas diferentes séries.

No que diz respeito à **formação** - 40% possuem o curso Pedagógico e 60% possuem especialização, desta forma, observo este como um fator positivo para a escola, uma vez que ao possuírem uma formação de nível superior, esses profissionais “ganham” um lugar de destaque perante o processo educativo e se sobressaem em relação a seus colegas, estes, tendem a conhecer melhor as necessidades dos educandos e estão mais preparados para suprir as necessidades de seus educandos.

No tocante a **experiência profissional** - 60% variam de 10 a 15 anos e 40% possuem mais de 20 anos de experiência profissional. Percebe-se que a maioria já está em sala de aula há bastante tempo o que pode ser visto como um ponto positivo se esses educadores acompanharem o avanço da educação frente a nossa atual realidade tecnológica. Independentemente dos anos em sala de aula, é preciso que o educador tenha uma visão mais ampla do que já é ultrapassado e do que deve ser mudado dentro do ensino.

Quando indagados sobre **o que lêem?** - 20% dos entrevistados afirmaram que costumam ler: livros, revistas e gibis, 40% afirmaram ter o costume de ler apenas livros e 40% disseram ter o hábito de ler: livros, jornais e revistas. O que se pode perceber é que estes profissionais tanto associam o fato de ler a questões que facilitem o acesso ao

mundo do trabalho e a busca de benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo perante a sociedade quanto a um momento de lazer e ampliação dos horizontes.

Tradicionalmente, na instituição escolar, lê-se para aprender a ler, enquanto que no cotidiano a leitura é regida por outros objetivos, que formam o comportamento do leitor e sua atitude frente ao texto. No dia-a-dia, uma pessoa pode ler para agir – ao ler uma placa, ou para sentir prazer – ao ler um gibi ou um romance, ou para informar-se – ao ler uma notícia de jornal. Essas leituras, guiadas por diferentes objetivos, produzem efeitos diferentes, que modificam a ação do leitor diante do texto. São essas práticas sociais que precisam ser vivenciadas em nossas salas de aula.

De acordo com Jolibert (1994, p. 31) “não se lê para aprender a ler, lê-se sempre por um interesse imediato”. Ou seja, as pessoas estão sempre associando o ato de ler a questões que lhes favoreçam no momento, e estes educadores ao afirmarem ler gibis e revistas reforçam a idéia de que a leitura pode ser considerada como uma forma de diversão e lazer.

Ao perguntar **com que frequência lêem** - 80% dos entrevistados afirmaram que diariamente e 20% afirmaram que mensalmente. Diante das respostas obtidas pode-se perceber que os educadores em questão estão realmente preocupados em oferecer o melhor aos seus educandos uma vez que procuram a todo instante estarem bem informados e aptos a desenvolverem com “precisão” a difícil arte de educar.

Dando seqüência as questões, indaguei aos educadores se **eles já participaram de cursos ou seminários** - 20% afirmaram que sim, 80% afirmaram que não. Vejo este como um ponto negativo para o processo educativo, uma vez que os educadores devem sempre estarem atentos as novidades na educação e os cursos e seminários oferecidos nesta área de atuação é sempre uma boa oportunidade de conhecer novos métodos e formas de tornar a aprendizagem dos alunos mais fácil e prazerosa para ambos os envolvidos. Um educador bem capacitado resultará em alunos bem informados e preparados para o mundo competitivo que os esperam.

Perguntei aos educadores **quais os maiores desafios encontrados no ensino da leitura e da escrita nas séries iniciais?**- As respostas obtidas foram as seguintes:

“É a falta de interesse dos alunos e da participação da família na escola”. (Professor A).

“A falta de integração entre a família e a escola” (Professor B).

“A falta de participação da família falta de interesse do alunado e a falta de material didático”. (Professor C).

“A falta de interesse dos alunos e a participação da família na escola”. (Professor D).

“Os alunos de níveis diferentes, falta de material didático e a ausência dos pais na escola”. (Professor E).

Diante das respostas obtidas pode-se perceber que a grande dificuldade enfrentada pelos educadores diz respeito à ausência dos pais dos educandos no âmbito escolar. Essa ausência compromete muitas vezes o bom desempenho do educador, uma vez que ao não contarem com a participação desses pais, o educador se vê muitas vezes sozinho e com muitos problemas referentes à educação de seus alunos. Com a participação dos pais na escola, o processo de ensino-aprendizagem poderia ser mais proveitoso e satisfatório para ambas as partes (professor/aluno/pais), pois cada pai ou mãe tomaria conhecimento da realidade educacional de seus filhos assim como o seu comportamento dentro do ambiente escolar.

Prosseguindo com as questões, perguntei aos professores **que tipo de instrumento você utiliza para verificar o desempenho dos seus alunos com relação à leitura e a escrita?** - 40% dizem verificar o desempenho de seus alunos através de provas orais e escritas, trabalhos em grupos e pesquisas, 40% realizam provas e produções textuais e 20% afirmam desenvolver a atividades como bingo ortográfico, dominó educativo e cruzadas. Desta forma me posiciono-me como satisfeita perante as respostas obtidas, uma vez que os educadores deixam claro que não estão bitolados a práticas educativas ultrapassadas e não se limitam a simples prática de avaliação escrita, embora acredite que atividades como produção textual ajuda e muito no processo de apropriação da escrita do aluno o que favorece o desenvolvimento da aprendizagem. No entanto o

educador deve está aberto a novas e diferentes formas de verificação de aprendizagem tornando o processo educativo mais dinamizado.

Segundo Garcia e Perez (2001, p. 18).

A função do professor é criar um clima de interação e construção de conhecimentos em torno do escrito que seja suficientemente rico para compensar as desigualdades daqueles que não tiveram a opção de fazer isso fora da escola, possibilitando-lhes assim, a obtenção de informações e a geração de hipóteses sobre a natureza, a função e os usos da escrita em contextos reais.

Assim sendo, acredito que é importante que os professores dediquem mais tempo às atividades como produção textual, isso poderia ajudar e muito no processo de aprendizagem da escrita do aluno, sobretudo daqueles que não desfrutam de atividade extra-escolares, ou seja, não tem um acompanhamento em casa.

A esse respeito Zilberman e Lajolo (2003, p. 16) descreve que:

“... a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança”.

Como o ensino da leitura e da escrita tem sua importância no âmbito escolar devido ao fornecimento de condições que propicia à criança em formação, o método de ensino e de verificação de aprendizagem utilizado pelo educador será de fundamental importância para o sucesso do educando.

Em outra questão, perguntei aos professores: **quais recursos didáticos utilizados por você em sala de aula?**- 100% afirmaram que utilizam: livros, jornais, gibis e revistas. É de fundamental importância que os professores estejam atentos aos novos instrumentos de comunicação e que eles se adéquem as novas necessidades de seus alunos incorporando-as em seu processo de ensino-aprendizagem.

Constituir acervo diversificado de literatura infantil e de material didático-pedagógico para alunos e professores, bem como produzir guias de leitura que auxiliem na seleção de obras literárias adequadas para o trabalho nas séries iniciais; expandir as formas de interpretação de textos escritos para diferentes campos de linguagem (teatro, artes

plásticas, música, cinema, etc.), podem tornar o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e muito mais proveitoso tanto para a criança quanto para o educador. Proporcionar o acesso de alunos das séries iniciais a novas tecnologias, como o computador, por exemplo, desmistificando seu uso e viabilizando-o como nova possibilidade de linguagem. Em fim, todas essas alternativas serviriam de suporte para uma aprendizagem de qualidade viabilizando mais tarde o ingresso dos educandos na sociedade.

Finalizando o questionário, perguntei aos educadores **qual a metodologia que eles atribuem mais ênfase no ensino da leitura e escrita?** – 60% afirmaram dar maior ênfase as aulas expositivas e 40% afirmaram dar mais ênfase a atividades como: jogos, dinâmicas e competições. Diante das respostas obtidas, é possível perceber mais uma vez a criatividade dos educadores na hora de passar os conteúdos para seus educandos. Eles não se limitam aos textos e às atividades abordadas pelos livros didáticos, isso faz com que ao a criança fique atenta e mais interessada na hora da aula. Além disso, atividades como jogos e competições auxiliam na interação e participação da turma.

3.3. ANÁLISE DO ESTÁGIO

Iniciei o estágio junto aos alunos da E. E. E. M. Maria Marques de Sousa, no dia 05/11/2007 apresentando desta forma o meu trabalho o qual se intitula “Leitura e Escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental”, em seguida me apresentei aos alunos, explicando-os que os acompanharia por algum tempo.

O acolhimento da turma, da professora responsável pela mesma Vera Lúcia e de todos que fazem esta instituição escolar foi muito satisfatório para mim, pois todos me deram as boas vindas e me fizeram sentir a vontade.

Dando seqüência ao dia, desenvolvi então meu primeiro plano de aula com o tema: **Pronomes pessoais e de tratamento**, o qual tinha por objetivo verificar se os alunos já dominavam ou não o assunto trabalhado para a parti daí oferecer condições de aprendizagem aos mesmos. Após realizar a aula distribui então uma atividade (para cada aluno) para verificação de aprendizagem.

Realizada então a atividade para verificação de aprendizagem, pude fazer as seguintes observações:

- Os alunos embora participem de forma constante das atividades, apresentam sérias deficiências de leitura e escrita;
- A vergonha de alguns em se expor para a classe prejudica e muito o rendimento escolar, criando dessa forma a necessidade de se trabalhar isso em sala de aula;
- A sala de aula se apresenta muito dividida entre alunos que não estão preparados para a série e alunos já bastante desenvolvidos e inteligentes.

Neste primeiro encontro, os alunos foram bastante receptivos e atenciosos, todos participaram de forma constante e participativa das atividades propostas. A professora responsável pela turma também foi compreensível e se disponibilizou a ajudar o tempo todo.

3.3. ANÁLISE DO ESTÁGIO

Iniciei o estágio junto aos alunos da E. E. E. M. Maria Marques de Sousa, no dia 05/11/2007 apresentando desta forma o meu trabalho o qual se intitula “Leitura e Escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental”, em seguida me apresentei aos alunos, explicando-os que os acompanharia por algum tempo.

O acolhimento da turma, da professora responsável pela mesma Vera Lúcia e de todos que fazem esta instituição escolar foi muito satisfatório para mim, pois todos me deram as boas vindas e me fizeram sentir a vontade.

Dando seqüência ao dia, desenvolvi então meu primeiro plano de aula com o tema: **Pronomes pessoais e de tratamento**, o qual tinha por objetivo verificar se os alunos já dominavam ou não o assunto trabalhado para a parti daí oferecer condições de aprendizagem aos mesmos. Após realizar a aula distribui então uma atividade (para cada aluno) para verificação de aprendizagem.

Realizada então a atividade para verificação de aprendizagem, pude fazer as seguintes observações:

- Os alunos embora participem de forma constante das atividades, apresentam sérias deficiências de leitura e escrita;
- A vergonha de alguns em se expor para a classe prejudica e muito o rendimento escolar, criando dessa forma a necessidade de se trabalhar isso em sala de aula;
- A sala de aula se apresenta muito dividida entre alunos que não estão preparados para a série e alunos já bastante desenvolvidos e inteligentes.

Neste primeiro encontro, os alunos foram bastante receptivos e atenciosos, todos participaram de forma constante e participativa das atividades propostas. A professora responsável pela turma também foi compreensível e se disponibilizou a ajudar o tempo todo.

No dia seguinte, dia 06/11/2007 a professora aplicou uma prova aos alunos. Desta forma, não pude desenvolver o plano de aula que havia preparado para o dia. Sendo assim, fiz apenas uma observação da escrita e do comportamento dos alunos. As observações foram às seguintes:

- A escrita dos alunos é lenta e deficiente;
- Os alunos não conseguem fazer a interpretação correta das questões vindo desta forma a errarem as questões por não saberem o que se pede realmente;
- O comportamento dos alunos em sala de aula diante da prova se apresenta de forma regular.

Diante da avaliação, os alunos se comportaram de forma regular, de vez em quando um ou outro aluno rompia o silêncio necessário para a melhor compreensão da avaliação, mas nada que extravasassem o normal.

No dia 07/11/2007 como as escolas já estavam na reta final do ano letivo, a professora novamente aplicou uma avaliação aos alunos e mais uma vez não pude desenvolver um plano de aula, vindo novamente a fazer apenas uma observação da escrita e do comportamento. As observações desta vez foram as seguintes:

- A maioria dos alunos deixou a escrita muito a desejar;
- O desinteresse por parte da maioria dos alunos foi notório;
- Parte dos alunos não levou a sério a prova chegando a brincarem durante a aplicação.

Desta vez, os alunos se comportaram muito mal diante da avaliação, não respeitaram o momento nem a minha presença em sala de aula como observadora.

No dia 08/011/2007 desenvolvi o plano de aula com o tema: **Encontro vocálico e consonantal**, o qual tinha por objetivo, conhecer os encontros vocálicos e consonantais. No primeiro momento, realizei a leitura silenciosa e oral do texto: “Na ponta do Nariz”, texto este que se apresenta no livro didático dos alunos.

Após a leitura, discuti então o texto, explorando todas as informações que ele poderia oferecer referente ao tema abordado no dia. Após o estudo dirigido do texto, apliquei então uma atividade para a verificação de aprendizagem dos educandos.

Diante da atividade, pude constatar que:

- A leitura oral dos alunos se apresenta de forma muito baixa e escassa;
- Os alunos enfrentam grandes dificuldades com relação à escrita;
- Os alunos não respeitam os sinais de pontuação;
- Não fazem a interpretação da questão antes de respondê-la;
- A falta de atenção compromete o processo de aprendizagem.

Neste dia houve um fato interessante em sala de aula. Um aluno levantou um questionamento interessante para a realidade em que vivem. Perguntou: _“Quem fez este texto que estou lendo”. Neste momento me senti muito feliz por ter a certeza que esse aluno poderá sim dependendo de sua força de vontade chegar onde quiser.

No dia 09/11/2007, desenvolvi o tema: **Sinais de pontuação**, que tinha por objetivo conhecer e empregar corretamente os sinais de pontuação. No primeiro momento distribui aos alunos o texto “Exame e pontuação” de Monteiro Lobato, em seguida fiz a leitura oral e coletiva do texto observando sempre a leitura de cada um. Num segundo, dividi a sala em equipes de três e distribui outros textos, específicos de cada sinal: Ponto/ Virgula/Travessão e dois pontos/Acento agudo/Acento circunflexo/Til/Cedilha, (no total 7 textos simplificados). Cada equipe leu seu texto e explicou o que entendeu da leitura citando desta forma exemplos.

Em seguida, apliquei uma atividade para a verificação da aprendizagem e logo após todos responderem fiz a correção tirando desta forma todas as dúvidas existentes. Após realizado todo o plano de aula foi possível constatar que:

- O trabalho em grupo é desenvolvido de forma satisfatória por parte dos alunos;
- Ao se depararem com palavras desconhecidas os alunos interrompem a leitura;

- Na leitura coletiva o acompanhamento do texto se faz de maneira satisfatória;
- Os sinais de pontuação não são respeitados;
- Os alunos não costumam ler o título do texto antes de iniciar a leitura do mesmo e por fim o nome do autor do texto;
- Que existem alunos individualistas que não aceitam a idéia de trabalhar em grupo;
- Os alunos de expressam melhor verbalmente do que na escrita;
- Conseguem desenvolver uma boa interpretação de texto;
- Não conseguem interpretar as questões propostas nas atividades.

Neste dia, algo desconfortável me aconteceu. Alguns alunos descontentes com a aula colocaram como forma de vingança um rato na minha mesa. Diante da situação, me senti magoada e principalmente descontente em saber que estas crianças não estão aproveitando a oportunidade que a vida lhes oferece.

No dia 12/11/2007, desenvolvi o plano de aula de tema: **Carta**, com o objetivo de trabalhar a escrita e os componentes de uma carta familiar. Introduzi a aula tendo uma conversa informal com os alunos para desta forma, saber se eles já tiveram algum contato com uma carta, em seguida perguntei-lhes sobre o que eles haviam observado de mais interessante numa carta. Logo após, distribui o texto: "Uma carta" de autoria desconhecida para que os alunos fizessem a leitura silenciosa e depois coletiva do texto.

Após a leitura do texto, escrevi no quadro negro os elementos que compõem uma carta. Em seguida, como atividade de verificação de aprendizagem, pedi aos alunos que elaborassem uma carta. Diante da atividade proposta foi possível fazer as seguintes observações:

- A deficiência de escrita dos alunos;
- O contínuo e desnecessário uso de aspas (" ") de todos os alunos em quase todo o texto;
- O medo de se expressar oralmente;
- Grandes desenhistas;
- A facilidade de uns em ser criativo e a dificuldade de outros;

- A organização com relação à estrutura da carta;
- As dificuldades com a utilização correta dos sinais de pontuação;
- A abreviação indevida de palavras;
- O desinteresse de alguns alunos.

Ao término deste dia, o aluno Danilo me surpreendeu com sua carta. A linguagem escrita foi bem desenvolvida e as idéias bem articuladas, que pena que a grande maioria dos alunos se mostrou desinteressados pela atividade.

No dia 13/11/2007, trabalhei com o tema: **Bilhete**, no intuito de trabalhar a escrita dos alunos. No primeiro momento fiz uma sondagem com os alunos para levantar informações sobre o conhecimento deles com relação ao tema.

Em seguida, expliquei o conceito de bilhete, onde sua utilização se faz necessário sua estrutura e a diferença entre este e a carta.

Após toda a explicação sobre o bilhete pedi aos alunos que se comunicassem entre si utilizando apenas como instrumento o bilhete, neste instante todos os alunos ficaram eufóricos e ansiosos para receberem um bilhete. Ao término desta atividade fiz as seguintes observações:

- O nível de compreensão dos alunos foi ótimo;
- A utilização correta dos sinais de pontuação ainda se deu de forma muito escassa;
- Grandes dificuldades com a utilização do h;
- O esquecimento do sinal de interrogação;
- Aos poucos a leitura começara a melhorar.

Neste dia, recebi um bilhete ameaçador de autoria desconhecida. Mais uma vez me senti deprimida e chateada com o comportamento de certos alunos.

No dia 14/11/2007 neste dia, ocorreu a Prova individual e sem pesquisa, realizada pelo MEC, para avaliar o estágio de desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Uma ótima proposta do MEC, desta forma, será mais fácil identificar as dificuldades das crianças e conseqüentemente trabalhar essas dificuldades, elaborando planos que possam suprir com as necessidades das crianças de modo geral.

No dia 16/11/2007, o plano de aula trabalhado foi: **Convite e Aviso**, com o objetivo de trabalhar mais uma vez a escrita dos alunos e também estimular a imaginação e criatividade dos alunos.

De início expliquei as diferenças entre convites e avisos, em seguida mostrei exemplos de ambos destacando desta forma os componentes que formam os mesmos. Como atividade de verificação de aprendizagem pedi aos alunos que redigissem um convite e um aviso. Desta maneira, levantei as seguintes observações:

- Estrutura desorganizada;
- Uso indevido dos sinais de pontuação;
- Desinteresse total da classe na elaboração dos avisos e convites;
- O pouco tempo não foi suficiente para explorar o aviso.

No dia 19/11/2007, fiz o estudo do texto: **O menino maluquinho** de Ziraldo. Iniciei a aula distribuindo aos alunos uma xérox do texto, em seguida realizei com eles a leitura silenciosa e oral. Logo após explorar a leitura dos alunos, apliquei-os uma atividade para a interpretação do texto, em seguida fiz a correção e observei que:

- O nível da leitura dos alunos melhorou;
- A não concentração da turma para o momento de leitura;
- O desinteresse dos alunos diante das atividades propostas;
- A má interpretação dos textos;
- Os alunos só dão atenção a atividades que contenham gravuras;
- O descaso de muitos alunos com as atividades.

Neste dia, os alunos não tiveram um bom comportamento, não se concentraram para o momento da leitura e conseqüentemente não realizaram uma boa leitura. A grande maioria dos alunos ignorou as atividades vindo a jogá-las no lixo.

No dia 20/11/2007, trabalhei o texto: **Uma família diferente**, com o objetivo de explorar a leitura silenciosa e oral dos alunos e também desenvolver suas habilidades de escrita e interpretação. Após realizar a leitura do texto, fiz alguns comentários com relação à importância da família para o indivíduo. Em seguida, como forma de explorar

a habilidade escrita dos alunos, pedi que eles elaborassem um texto com um tema de preferência. Diante da elaboração dos textos observei que:

- A leitura das palavras no plural é realizada como se estivessem no singular;
- A aula foi produtiva, pois os alunos fizeram diversos desenhos e criam histórias bonitas;
- Os alunos realizaram a leitura completa do texto (título, texto e nome do autor);
- Textos longos se tornam enfadonhos para os alunos;
- A carência de material didático por parte da escola compromete a aprendizagem dos alunos.

No dia 21/11/2007, o tema trabalhado foi: **Frase**, que tinha por objetivo conhecer e identificar os diferentes tipos de frases. No primeiro momento, copiei no quadro negro o texto: “O sapo e a sapa” de Sargentim e expliquei que o mesmo se encontra dividido em grupos. No segundo momento, fiz a identificação dos tipos de frases existentes no texto e expliquei a utilização correta de cada uma. É importante lembrar que para cada tipo de frase utilizei um texto em particular. Frase afirmativa e negativa o texto: “A girafa” de Sargentim. Para as frases interrogativas e exclamativas trabalhei o texto: “Frase interrogativa e exclamativa” de Ruth Rocha. Para a verificação de aprendizagem trabalhei com exercícios referentes a cada texto trabalhado. Após a correção dos exercícios foi possível observar que:

- A leitura melhorou muito;
- Os alunos já conseguem diferenciar linha, parágrafo e frase;
- Os alunos já tinham conhecimento dos tipos de frases, apenas ainda não compreendiam muito quando usá-las corretamente;
- Os alunos compreendem que não se deve iniciar frases com letras minúsculas.

No dia 22/11/2007, o plano de aula desenvolvido foi: **Parágrafo**, e teve por objetivo identificar os parágrafos de um texto para desta forma desenvolver uma boa leitura. Iniciei a aula distribuindo aos alunos o texto: “Os gatinhos” de Ofélia Fontes em seguida realizei juntamente com os alunos a leitura silenciosa e oral do texto. Após

explorar a leitura do texto, explorei então os parágrafos pedindo aos alunos que destacassem cada parágrafo do texto com uma cor. Explorei muito o tema e realizei para tanto uma brincadeira para a construção de um texto a partir de suas frases que foram confeccionadas em cartolinas. Diante das atividades propostas obtive as seguintes observações:

- Varias dúvidas surgiram quanto a formação dos parágrafos;
- Os alunos não sabiam diferenciar frase e parágrafo;
- Toda a classe participou das atividades propostas.

No dia 20/11/2007, trabalhei o plano de aula: **Masculino e feminino**, com o objetivo de diferenciar com clareza os nomes masculinos e femininos, singular e plural. De início, expliquei aos alunos os gêneros feminino e masculino assim como as regras de plural e singular, em seguida para trabalhar a timidez dos alunos pedi que cada um citasse um exemplo de palavra no plural ou singular para que escrevesse no quadro negro. Após escrever as palavras ditas pelos alunos, apresentei um cartaz com gravuras masculinas e femininas como forma de deixar a aula mais interessante uma vez que, a utilização de gravuras deixa os alunos mais interessados nas aulas. Como forma de verificação de aprendizagem, distribuí aos alunos uma atividade relacionada a temática em seguida fiz a correção e com isso obtive as seguintes observações:

- Um conhecimento prévio avançado sobre a temática;
- Um bom desenvolvimento nas atividades propostas;
- Atividade de grupo bastante produtiva.

Dia 26/11/2007, neste dia desenvolvi o plano de aula: **Uma viagem interplanetária**, o qual tinha como principal objetivo trabalhar a interpretação de texto. Iniciei perguntando aos alunos se já viram na TV o lançamento de um foguete, a partir daí, desenvolver um debate descontraído sobre o assunto oferecendo aos alunos a oportunidade de falarem sobre suas fantasias sobre esse tipo de viagem. Após explorar o texto, elaborei uma atividade de interpretação e construção de texto. Diante da atividade os resultados foram os seguintes:

- Significante melhora na leitura;
- A escrita se apresenta ainda muito escassa;

- Grandes dificuldades no emprego do **ão** e do **ao**, do **a** e do **o**;
- A construção de texto deixa a sala em silêncio, pois os alunos gostam muito de construir textos.

No que diz respeito à interpretação de texto, os alunos deixam um pouco a desejar, a explicação para esta deficiência talvez seja a preguiça em dos alunos em raciocinar e/ou a ausência de um conhecimento prévio do texto lido, uma vez de acordo com Bacelar (2000) “o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento do mundo e seu conhecimento de texto para construir uma interpretação sobre aquele” (p. 56).

Dia 27/11/2007, trabalhei o plano: **Imaginação**, para trabalhar esse tema que tinha por objetivo desenvolver a leitura oral e escrita, despertar a capacidade da criança em desenvolver sua imaginação, utilizei-me do texto: “Imaginação” de Rafaela Rolim. No primeiro momento, distribuí a cada aluno uma xérox do texto para a leitura e discussão do mesmo, em seguida pedi aos alunos que usassem a imaginação para criarem um mundo que fosse do gosto deles, e produzissem um texto com desenhos ou gravuras sobre o mundo de cada um deles. Diante dessa atividade, levantei as seguintes observações:

- Os alunos gostaram muito do texto;
- A leitura se deu maneira satisfatória;
- O comportamento dos alunos foi surpreendente;
- Iniciaram os parágrafos com letras minúsculas;
- O uso dos sinais de pontuação se deu de maneira incorreta;
- Graves erros ortográficos.

Neste dia os alunos gostaram muito da forma como fora desenvolvida as atividades em sala de aula que fugiu da rotina que se estende praticamente todo o ano letivo (apenas ler e escrever). Segundo Teberosky e Colomer “em qualquer caso, deve-se fugir das rotinas e oferecer um exemplos de possibilidades de ampliação da leitura, através de atividades plásticas e visuais”. (2003, p. 178).

Desse modo as crianças se vêem mais atraídas por atividades que envolvam atividades de leitura e conseqüentemente seu rendimento escolar será bem maior.

Dia 28/11/2007, trabalhei o texto: “Perguntas e respostas cretinas” de Elias José, com o objetivo de identificar as rimas do poema, criar um texto com rimas e desenvolver a leitura oral e silenciosa. Iniciei a aula distribuindo a cada aluno uma xérox do texto para que realizassem a leitura silenciosa e logo após coletiva. Após trabalhar a leitura do texto, discuti com os alunos sobre a forma como o mesmo se encontra estruturado e convidei-os a em dupla criarem um novo texto com a mesma estrutura. Trabalhamos então a pontuação e a linguagem verbal. Diante desta atividade, observei que:

- Os alunos entenderam bem o texto;
- A leitura oral foi satisfatória;
- A participação dos alunos foi satisfatória;
- O trabalho em grupo foi bem produtivo;
- Os textos produzidos apresentaram uma boa estrutura;
- Os alunos desenvolveram uma boa escrita;

No dia 29/11/2007 o tema desenvolvido foi: **Criação de histórias**, trabalhei o tema futebol. Elaborei um roteiro e escrevi no quadro negro para de acordo com o mesmo os alunos criassem sua historinha explorando desta forma a criatividade e a escrita dos educandos. Após receber os textos dos alunos percebi que:

- Os alunos desenvolveram uma boa leitura;
- Houve várias dúvidas quanto ao emprego do **s, ss, rr, r, ç, c, o e h**;
- Houve a curiosidade dos alunos em conhecer a diferença entre sítio, cidade e capital;
- A escrita se manteve estável;
- A produção de texto desperta o interesse dos alunos.

No dia 30/11/2007, mais uma vez trabalhei com **Texto** com o objetivo de melhorar cada vez mais a leitura e escrita dos alunos. O texto abordado desta vez foi “Leilão de jardim” de Cecília Meireles.

É de suma importância para os educadores de ensino fundamental trabalhar com seus alunos a leitura oral dos textos, pois este tipo de atividade quando bem explorada tende a melhorar tanto a parte oral dos alunos quanto a sua escrita.

De acordo com Teberosky e Colomer (2003, p. 20).

As leituras em voz alta, para crianças pequenas, nas quais elas escutam, olham, perguntam e respondem, são um meio para que atendam as funções e a estrutura da linguagem escrita, e podem vir a ser, também, uma ponte entre a linguagem oral e a linguagem escrita.

Diante da citação supracitada, fica claro que é imprescindível que o educador exercite a oralidade de seus alunos através do desenvolvimento de leituras em voz alta, para que desta forma a aprendizagem de seus educandos se dê de forma satisfatória.

Nesta aula, os alunos se encontraram bastante curiosos, pois comentei com eles o significado de leilão e como o mesmo é realizado isso desencadeou um longo e proveitoso debate. Como atividade de verificação de aprendizagem, pedi aos alunos que elaborassem um texto onde algum objeto estivesse sendo leiloado. Diante da sugestão da atividade, levantei as seguintes observações:

- Boa leitura;
- Máxima participação na atividade;
- Ótimas produções textuais e uma criatividade muito aguçada;
- Desenvolveram bem o conceito de rimas;
- O debate sobre leilão e rimas foi satisfatório;
- Os alunos se agradaram muito do texto.

Dia 03/12/2007, tema da aula: **Rima**, este tema foi trabalhado em sala de aula com o objetivo de se trabalhar a poesia, explorando a leitura e a construção da mesma. No primeiro momento, distribui aos alunos uma xérox do texto “Lógica” de Sidônio Muralha, em seguida, pedi que fizessem a leitura silenciosa do mesmo e conseqüentemente a leitura oral e coletiva. Após trabalhar a leitura, expliquei aos alunos o que é uma rima, verso e estrofes, em seguida, apliquei a eles uma atividade para a verificação de aprendizagem. Após a correção das atividades fiz as seguintes observações:

- Os alunos já tinham um conhecimento prévio do assunto;
- A escrita melhorou um pouco;
- As atividades apresentaram respostas concisas;
- O texto teve boa aceitação e entendimento.

Dia 04/12/2007, tema da aula: **Quem sou eu?** (1). Este tema tem por objetivo, trabalhar a imaginação e a criatividade artística dos alunos. Para desenvolver o tema, trabalhei com o texto “A borboleta” de Carolina Matos este texto, desperta a imaginação das crianças e as levam a um mundo cheio de sonhos e fantasias. Por isso, pedi aos alunos que escolhessem um dos animais das gravuras apresentadas por mim e criassem seu próprio texto, trabalhando desta forma também a escrita dos alunos. As observações foram as seguintes:

- Os alunos pediram para circular os sinais de pontuação presentes no texto, uma atitude que me chamou atenção;
- Durante a leitura respeitaram os sinais de pontuação;
- Gostaram de saber que se pode realizar uma leitura não-verbal, através de gravuras;
- Apreciaram o texto por ser curto;
- Significativas melhoras na escrita.

Dia 05/12/2007, o tema da aula foi: **Quem sou eu?** (2). Para trabalhar este tema, distribuí aos alunos, o texto “Biografia de um sapato velho” de Tiago Tranjan. Este texto desperta a criatividade dos alunos uma vez que, o autor para escrevê-lo, colocou-se no lugar de um tênis. Após mostrar que é possível construir um texto se colocando no lugar de um objeto, solicitei aos alunos que criassem um texto se colocando também no lugar de um objeto da preferência de cada um. Após a construção do texto, pedi que alguns alunos lessem o texto do vizinho. Diante dessa proposta observei que:

- Os alunos se sentem mais à-vontade ao ler o texto de outra pessoa;
- Estão respeitando mais os sinais de pontuação tanto na leitura quanto na escrita;
- Os alunos não acreditaram que o texto foi elaborado por uma criança da mesma faixa etária que eles;
- Não gostaram de produzir um texto;
- Ainda não se concentram para a realização da leitura silenciosa;
- Não gostaram do texto por este ser longo;
- A escrita da produção textual não foi satisfatória.

No dia 05/12/2007, o tem da aula foi: **João e Maria**, texto criado por Francis Rodrigues. Este texto proporcionou uma aula dinâmica e diferente, pois apresentei o texto em uma televisãozinha confeccionada por mim. Em seguida, passei novamente as gravuras e desta vez que os alunos a narrassem eles adoraram e houve o envolvimento total da turma, cada aluno narrou uma parte da cena apresentada. As questões da atividade proposta estavam relacionadas ao texto. Após a apresentação da aula, pude observar que:

- Os alunos são muito carentes de atividades diferentes do cotidiano;
- Os alunos desenvolveram boa expressão verbal
- A participação total da turma, principalmente na reconstrução das cenas;
- O comportamento dos alunos foi surpreendente;
- Perguntaram que foi o autor do texto;
- Os alunos gostaram tanto da historinha que ao final da apresentação todos aplaudiram;
- Esta aula foi a mais proveitosa.

Dia 07/12/2007, o tema trabalhado foi: **Texto com rótulos**, o objetivo desta aula foi construir um texto coletivo, utilizando rótulos e recortes de revistas abordando situações de seu cotidiano. No primeiro momento, expliquei aos alunos a importância dos rótulos no processo de leitura e escrita. Num segundo momento, pedi que cada um retirasse de uma caixa levada por mim um rótulo e que em seguida colasse esse rótulo na cartolina que havia colado no quadro negro escrevendo abaixo da gravura uma frase relacionada à mesma. Desta forma, com a participação de todos se construiu um texto coletivo onde a criatividade foi explorada. Após todo o processo que envolveu esta aula, pude observar que:

- Os alunos se sentiram atraídos pela aula;
- Os alunos gostaram das atividades propostas;
- O desempenho em sala de aula foi satisfatório;
- Os alunos apresentaram uma boa escrita.

No dia 10/12/2007, desenvolvi o plano de aula de tema: **Nomes**, essa temática tem por objetivo conhecer e empregar corretamente os nomes (primitivos e derivados, simples e compostos e o coletivo das palavras). Para oferecer aos alunos uma melhor compreensão, trabalhei com textos específicos para cada modalidade. No primeiro momento expliquei e exemplifiquei cada um dos temas, aplicando em seguida uma atividade relativa a cada um dos temas. De modo geral, a turma gostou da aula sendo possível realizar as seguintes informações:

- A sala se manteve em silêncio;
- Aula foi produtiva;
- Os alunos apresentaram bom desempenho;
- A leitura foi satisfatória;
- A escrita ainda se manteve escassa;
- As atividades propostas foram bem aceitas.

No dia 13/12/2007, o tema da aula foi: **Os direitos dos pais**, um texto de Moacyr Scliar o tema dessa aula teve por objetivo refletir a cerca dos direitos e dos deveres dos seres humanos. Iniciei a aula distribuindo aos alunos ma xérox do texto, em seguida realizei juntamente com os alunos a leitura oral do texto. Após a leitura expliquei aos alunos a mensagem do texto, o que ele quis nos passar. Por fim passei para os alunos uma atividade contendo questões relacionadas ao texto e de cunho pessoal. Ao término da aula e correção das atividades levantei as seguintes observações:

- Os alunos se mostraram interessados em conhecer alguns de seus direitos e deveres;
- A escrita se apresentou de maneira satisfatória;
- Os alunos gostaram do texto, porém acharam muito extenso;
- O comportamento da sala de aula foi satisfatório.

Diante desta atividade, percebi que a identificação dos alunos com o texto abordado é de fundamental importância para sua aprendizagem. Não adianta conduzi-los a uma leitura se eles não se sentirem atraídos pelo texto. De acordo com Teberosky e Colomer “uma das condições necessárias para que a experiência de ler seja prazerosa é que a leitura satisfaça um propósito, isto é, seja significativa para o leitor” (2003, p. 49). Neste sentido, as autoras nos deixam claro que é de suma importância para o indivíduo leitor,

a mensagem que a leitura lhe trás. Para que uma criança leia pelo simples prazer é imprescindível que esta leitura tenha algum significado real para ela.

Dia 14/12/2007, o tem da aula foi: **Natal**, este tema foi desenvolvido com o objetivo de explorar a capacidade oral e escrita dos alunos. Neste dia, trabalhei com o texto “Um sonho de Natal” de autoria desconhecida iniciei a aula distribuindo aos alunos uma cópia do texto para que realizassem a leitura oral e silenciosa. Nesta aula foi confeccionado cartões natalinos e desenvolvido o jogo da memória com a sala de aula dividida em grupos de quatro alunos. Durante toda aula falou-se bastante sobre o Natal e os acontecimentos natalinos a turma envolvida com o clima de Natal se mostrou muito satisfeita e interessada pela aula. As observações deste dia foram as seguintes:

- A aula foi muito produtiva;
- A turma gostou muito de confeccionar seus próprios cartões natalinos;
- A leitura e escrita foi desenvolvida de forma satisfatória;
- A sala de aula se comportou muito bem durante toda a aula.

De modo geral este dia muito proveitoso, fiquei emocionada, pois toda a turma se encontrou comportada e triste com o término do meu estágio.

Diante de tudo que foi relatado neste capítulo, é possível perceber as dificuldades de leitura e escrita existente no educandário onde desenvolvi o meu estágio. Durante esta caminhada os momentos difíceis foram muitos, no entanto não me fizeram desistir ou nem mesmo fraquejar, pois tenho consciência que a minha função como futura educadora e persistir e insistir num ensino que se comprometa com a aprendizagem de nossas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da minha prática docente neste trabalho, constato a grandeza e a importância do tema em questão “Leitura e Escrita: Uma prática essencial nas séries iniciais”. Tento através de relatos registrar na íntegra a minha atuação na sala de aula, a qual se deu de forma muito prazerosa devido aos vários momentos de cumplicidade, amizade, carinho e troca de conhecimentos, todos vivenciados com a turma da 4ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Maria Marques de Sousa”, localizada em um dos bairros mais carentes da cidade de Sousa.

Minha proposta de atuação foi trabalhar com vários tipos de textos para aguçar nos alunos o gosto pela leitura, pois entendo que é através da leitura e interpretação que o indivíduo passa a compreender o mundo que o cerca, oferecendo-nos o acesso à cidadania, à melhor posição no mercado de trabalho, a orientação para um entendimento da vida em sociedade, lê-se para entender o mundo para se viver melhor. Ler é uma forma de aprender a pensar, tanto quanto é uma prazerosa maneira de desvendar o mundo e a si mesmo.

Entendo que para formar leitores os professores precisam ter gosto pela leitura e transmiti-la de forma natural. Segundo Terzi (1995, p.43).

A exposição constante da criança à leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre as histórias em si, sobre tópicos de histórias, estrutura textual e sobre escrita. Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita e a sumaria a história (...).

Desta forma, a exposição da criança a freqüentes leituras de livros e textos as leva a desenvolver-se como leitora já no período pré-escolar. Esse desenvolvimento contribui, sem dúvida, para uma maior facilidade em acompanhar o ensino proposto pela escola, o que redundará em maior sucesso.

É importante ressaltar aqui que quando iniciei este trabalho, não foi com o objetivo de modificar a prática docente dos educadores nem tão pouco desfazer-se desta, mais sim proporcionar momentos de reflexões em relação às dificuldades de leitura e escrita dos

alunos da referida escola, como também tentar entender o porquê dessas dificuldades de aprendizagem.

De modo geral, espero que este trabalho venha a contribuir não somente com a escola onde se deu o estágio e sim com todas que também enfrentam problemas referentes à leitura e escrita, pois esta dificuldade não se restringe as poucas instituições. Muitas escolas se vêem emersas na problemática do ensino da leitura e escrita.

E é diante dos vários problemas que giram em torno do âmbito escolar que espero através deste projeto contribuir de maneira que estes sejam amenizados de forma que não venham a comprometer o processo de ensino-aprendizagem tornando a escola num ambiente onde se cultive cada vez mais a leitura.

DURANTE ESTE TRABALHO...

As dificuldades não foram poucas...

Os desafios foram muitos...

Os obstáculos, muitas vezes, pareciam intransponíveis.

Muitas vezes me sentia só, e, assim, o estive...

O desânimo quis contagiar, porém, a garra e a tenacidade foram mais fortes, sobrepondo esse sentimento, fazendo-nos seguir a caminhada, apesar da sinuosidade do caminho.

Agora, ao olhar para trás, a sensação do dever cumprido se faz presente e poder constatar que as noites de sono perdidas as viagens e visitas realizadas; o cansaço dos encontros, os longos tempos de leitura, digitação, discussão; a ansiedade em querer fazer e a angustia de muitas vezes não o consegui, por problemas estruturais; não foram em vão.

Aqui estou, como sobrevivente de uma longa batalha, porém, muito mais forte e capaz, com coragem suficiente para mudar a minha postura, apesar de todos os percalços...

Como dizia Antoine Saint Exupéry em sua obra prima "O Pequeno Príncipe":

"Foi o tempo que perdeste com a tua rosa, que fez a tua rosa tão importante".

(Francisca Erica Faustino da Costa)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Maria José Milharezi. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização** / Maria José Milharezi Abud. - São Paulo: EPU, 1987.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Leitura e Produção: desvelando e (re) construindo textos**/ Mirian de Albuquerque Aquino. João Pessoa: UFPB, 2000. 124p.

BACELAR, Lucidalva Pereira. **Metodologia do Ensino de Português**. Fortaleza/Ce. 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Avaliando a avaliação escolar**. Idéias – Alfabetização: passado, presente e futuro. São Paulo: FDE-SE, 1993.

_____. **Alfabetização & lingüística**. 8.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

_____. **Alfabetização e Lingüística: Pensamento e Ação do Magistério**. 10ª edição – São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Alfabetização sem ba – be – bi – bo – bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprende e Ensinar com textos** / Ligia Chiappini.- São Paulo: Cortez, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e Alfabetização**/ Carlos Alberto Faraco. 3ª. Ed. São Paulo. Contexto, 1997. (Coleção repensando a língua portuguesa).

FAUCOMBERT, Jean. **A leitura em questão** / Jean Faucomberty; trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana (orgs) **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artemed, 1991.

FERREIRO, Emilia et al. Los adultos no-alfabetizados y sus conceptualizaciones del sistema de escritura. **Cuadernos de Investigaciones Educativas**, México, n. 10, abr./1983.

_____. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1988.

FRANCHI, Eglê Pontes. **Pedagogia da Alfabetização: da oralidade à escrita**/ Eglê Pontes Francini. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FLORES, Onici Claro. **Leitura Inovações necessárias para realizar exploração de textos**. Revista do Professor. Porto Alegre, n.12, p.24-28, abr./jun.1996.

FREINET, C. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 9ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Joaquim; PERÉZ, Francisco (orgs.). **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

JOLIBERT, J. (org) **Formando Crianças Leitoras**. Tradução Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**/Mary Kato. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Texto e Linguagem).

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**/ Ângela Kleiman. 6ª ed. Campinas-SP: Pontes, 1998.

LAJOLO, Marisa. 1982. **O que é literatura**. São Paulo, Brasiliense.

LUCKESI, Cipriano et al. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. 6. ed. São Paulo : Cortez, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1993. 183 p.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente: conversas sobre leitura e política**. São Paulo: Ática, 1999.

MAGNANI, M. R. M. **Sobre Alfabetização e Formação do Alfabetizador**. Mimeog.1997

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. In: São Paulo: Brasiliense, 1994, coleção primeiros passos.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Pesquisa educacional/ O prazer de conhecer**. Fortaleza: ed. Demócrito Rocha, UECE, 2001.

NETO, Antonio Gil. **A produção de textos na escola: uma trajetória da palavra**. São Paulo: Loyola, 1992. 172p.

PARÂMETROS curriculares nacionais: **Língua Portuguesa**/Ministério da educação. Secretaria da Educação Fundamental-3ª ed. - Brasília: A secretaria, 2001. 114p.

TEBEROSKY, Ana; CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. Aprender a ler e a escrever: Uma proposta construtivista. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre. Artmed, 2003.

_____. **Aprendendo a escrever**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Reflexões sobre o ensino da leitura e escrita**. Campinas, SP, Ed. Unicamp e Trajetória, 1991.

TERZI, S. **A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados**. In: KLEIMAN, A. (org.) **Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VOTRE, Sebastião Josué. **Discurso e Sintaxe de Iniciação à Leitura**. In: CLEMENTE, Elvo, org. **Linguística Aplicada ao Ensino de Português**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987 (Novas Perspectivas, 11).

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1998.

ZILBERMAN, Regina, LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a...** Literária defendida na Universidade Estadual Paulista – UNESP, em 2003.

ZILBERMAN, Regina, SILVA. **Literatura e Pedagogia**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1998.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

1) Qual a série que leciona?

Alfabetização 3ª Série

1ª Série 4ª Série

2ª Série

2) Qual o seu nível de instrução?

Pedagógico Graduação

Profissionalizante Especialização

Técnico

3) Qual o seu tempo de atuação profissional?

0 a 5 anos

5 a 10 anos

10 a 15 anos

27 ou mais.

4) Você tem hábito de ler:

Livros Documentos

Romances Gibis

Jornais Revistas

Outros quais? _____

5) Com que frequência você ler?

Raramente Semanalmente

Diariamente Mensalmente

6) Você já participou de cursos ou seminários sobre leitura e escrita? Justifique a sua resposta:

7) Para você, quais os maiores desafios encontrados no ensino da leitura e escrita das series iniciais?

8) Que tipo de instrumento você utiliza para verificar o desempenho os seus alunos com relação a leitura e escrita?

Provas

Produção de textos

Outros? _____

9) Quais recursos didáticos utilizados por você em sala:

Livros

Gibis

Jornais

Revistas

Documentários

Outros? _____

10) Qual a metodologia que você atribui mais ênfase no ensino da leitura e escrita?

Aulas expositivas

Dinâmicas

Jogos

Competições

outros: Cite-os: _____

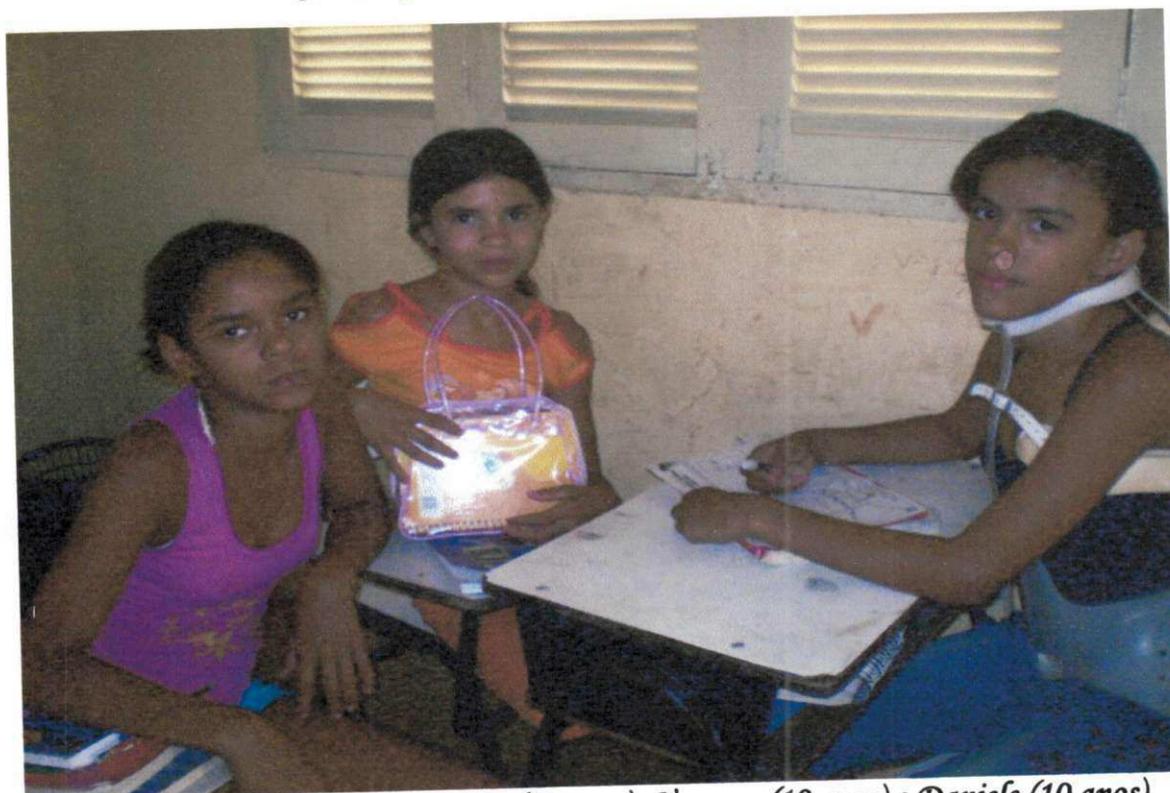
Assinatura do Professor (a)

Momentos Único...



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

Fotografias e registros que deixarão saudades e a certeza que todos os esforços foram válidos... 2007 Sousa-PB!



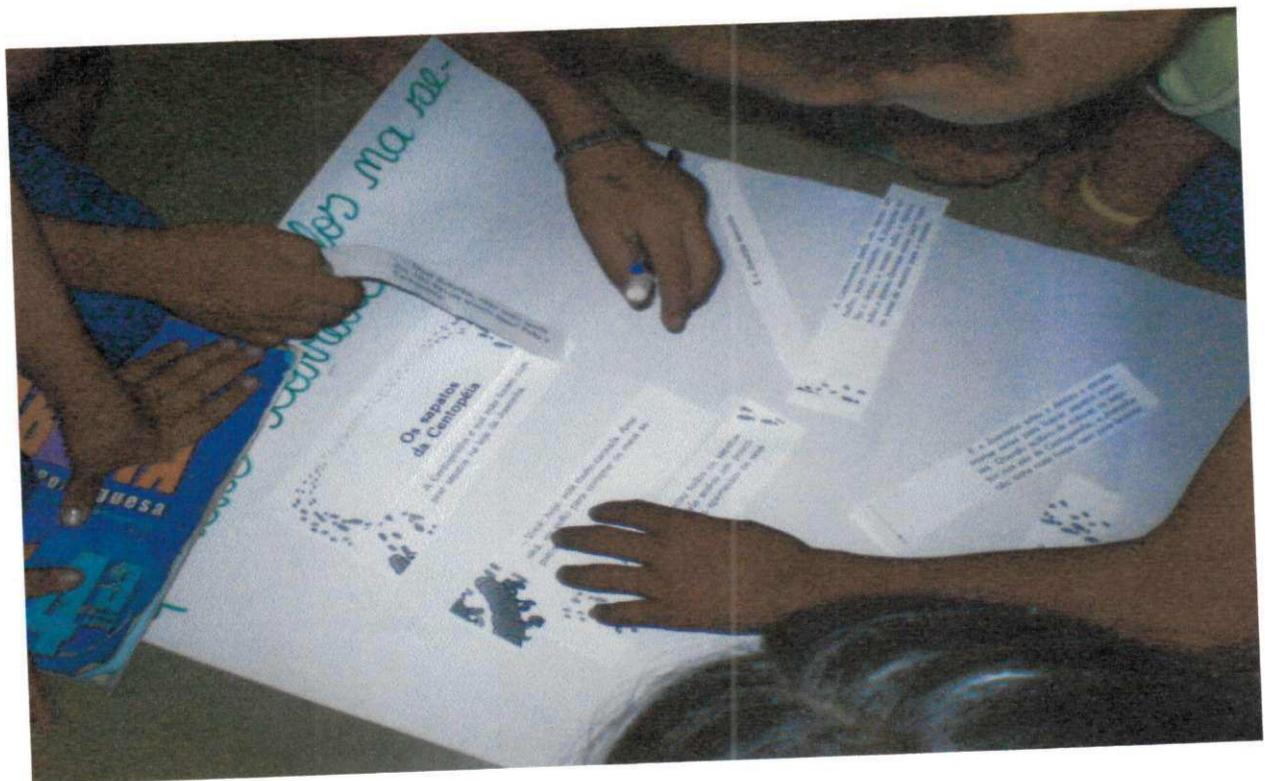
Da esquerda para direita Carine (10 anos), Vanessa (10 anos) e Daniele (10 anos).



Tarcisio (10 anos) e Henrique (10 anos)



Mateus Alves (11 anos) e Danilo de Sousa (11 anos)



Turma da 4ª série no estudo sobre parágrafo



Matheus Ferreira (10 anos) e Leonardo (12 anos)



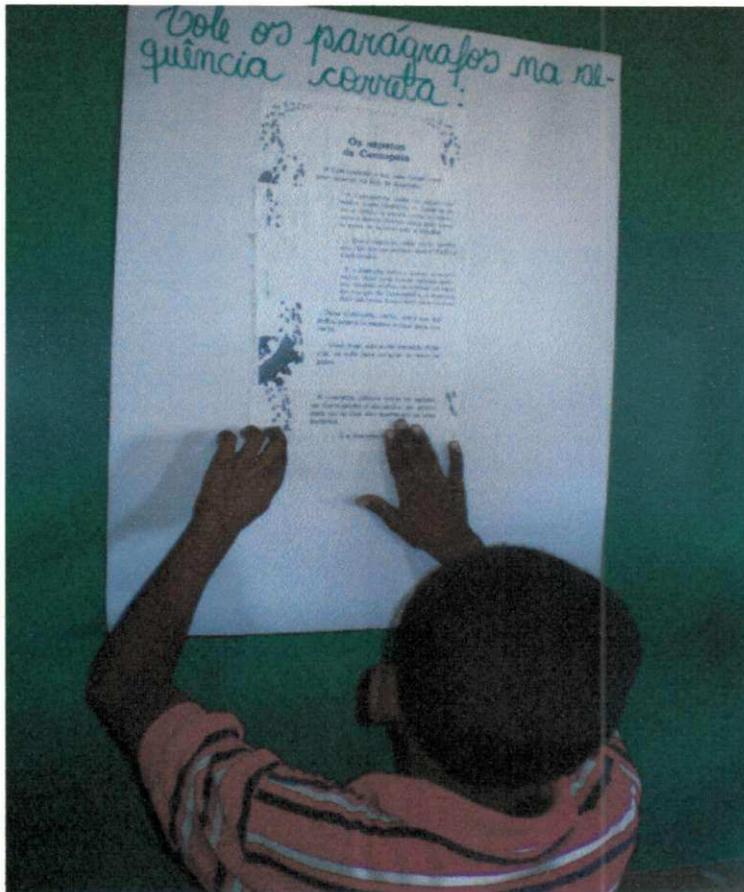
Dia 29 de novembro quarta-feira, apresentação da história de João e Maria: Cenas...



Geciclé (12 anos) e Matheus Alves (11 anos)



Alunos trabalhando em grupo, atividade que movimentou toda a turma....



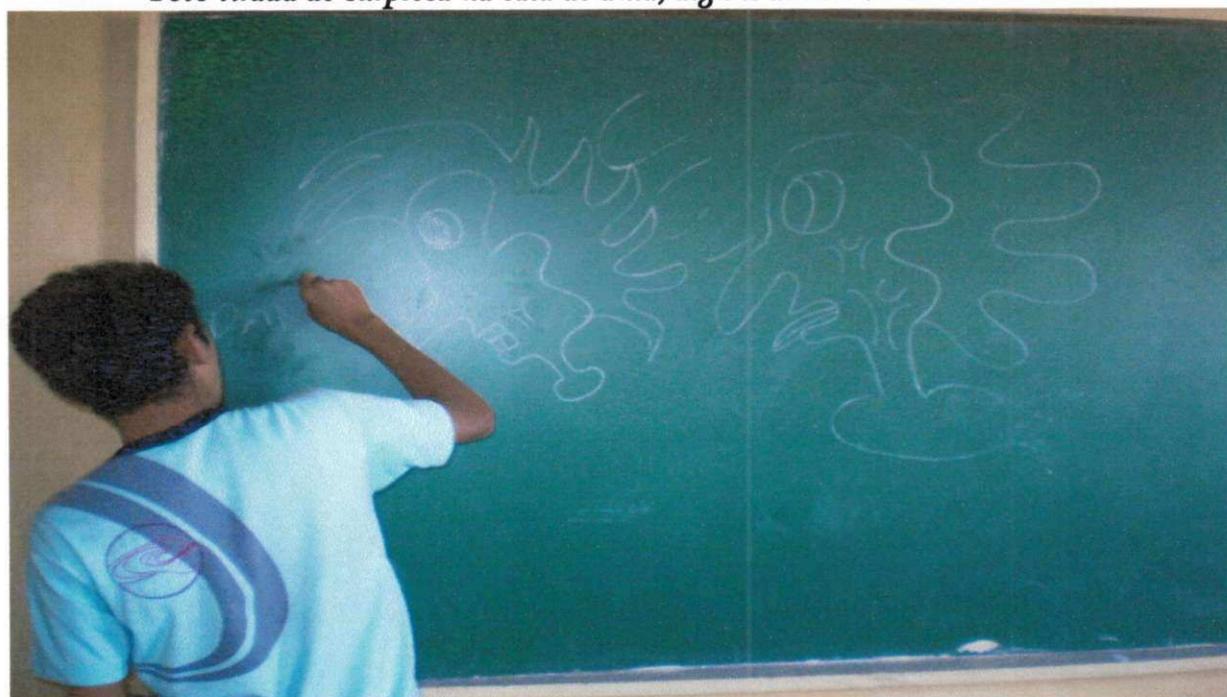
Tarcisio Cardoso (10 anos)



Turma composta pelos meninos da 4ª série



Foto tirada de surpresa na sala de aula, alguns alunos da turma...



Fernando (14 anos). O desenhista da sala, foto tirada de surpresa...



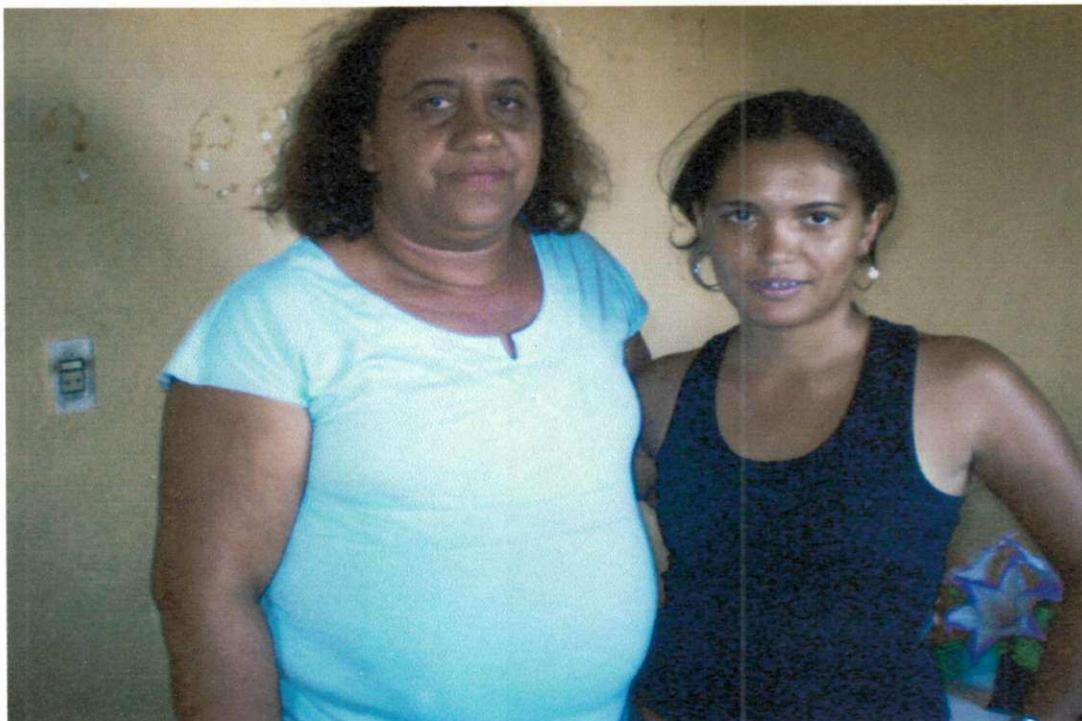
Momentos bons passamos juntos, aula de recreação...



*Eu (Erica) e toda a turma das meninas da sala...
OBS: (olhar detalhe no quadro).*



Diretora escolar: Gisele e Estagiaria: Erica costa



Professora responsável pela turma da 4ª série: Vera Lúcia e Erica!